

Coadjuvantes
Seomara Santos
Filomena Gioveth e Neusa Dias

O Amor é Sempre Agora
Antologia do Éden Angolano

Copyright © 2007, by Vários Autores, Adriano Botelho de Vasconcelos
& União dos Escritores Angolanos

Organizador

Adriano Botelho de Vasconcelos

Coadjuvantes

Seomara Santos, Filomena Gioeth e Neusa Dias

Capa

Fotos de NV

Revisão

UEA

Design Gráfico e Impressão

Zoomgraf-k Ltda

Depósito Legal n.º 4154/07

Tiragem

1.000 exemplares

1.ª Edição: Luanda, 2007

Colecção «Guaches da Vida» N.º 39

Todos os direitos desta edição à UEA

Email: uea@uea-angola.org

uniaoea@yahoo.com.br

Site: www.uea-angola.org

Tel.: 222-322421/222-323205

Fax: 323205

E-mail do organizador: vasconcelosab@yahoo.com.br

ADRIANO BOTELHO DE VASCONCELOS

O Amor é Sempre Agora
Antologia do Éden Angolano



União dos Escritores Angolanos
«Guaches da Vida»

16. Viagem

Não é preciso morar na esquina
nem ser jovem ou belo:
o amor melhor é sempre dentro
e perto.

Chega inesperado,
vem forte vem doce, acalma
e desatina.

Se está na minha rua ou vem de fora,
ele ignora o tempo e a idade:
o amor é sempre
agora.

É vento sutil e mar sem beira:
o amor é destino de quem está aberto,
e dói sem remissão quando negado.

O melhor amor sacia a fome inteira:
mas tem de ser aceito,
tem de ser ousado, tem de ser
navegado.

Lya Luft

Poema que dá título a «Antologia»

Poetas Antologizados

Adriano Botelho de Vasconcelos

g) Um quarto cheio de água
a) A lua abriu um laço de prata
Sempre que toco o teu rosto impresso
As raparigas deixam-se tocar até sentirem
O peixe pode fazer durar as direcções
Desabotoas as minhas fantasias
A madrugada já tinha guardado a sua origem
«Só dentro de mim vejo essa velocidade
Se tiver que segurar a lua precisarei
Olha como o colar d'ouro da Matamba

Akiz Neto

incógnitas ofuscam na memória única do chão
tanka no assobio aglutinado das mãos.
a origem da virgindade,
melodia, é uma palavra inteira
olhar a luz nómada
teu corpo majestoso

Amélia Dalomba

Quanto Baloíça o Vento
Reencontro
Amor Em Carta Aberta
Que Me Tomes e Bebas
Proclamação
Das Pálpebras Do Passado

António Cardoso

Encontro De Acaso
Pedido
O Poema Que Te Não Sei Fazer
Chão De Exílio
Há Momentos

Delirium Tremens
É Inútil Chorar
Ainda Não Fiz Um Poema De Amor
Amizade
Algumas Quadras
Desejo

António Gonçalves

Falando do amor
Se calhar
O planeta Amor
Ela levita
O beijo
Já és o meu planeta

Arnaldo Santos

Poema Da Esperança
Poema Da Intenção
Beijos-De-Mulata
Nova Memória
Meu Pai No Corredor

Carlos Ferreira

Rosto lindo
Ficaria em ti num amplexo
À luz de uma vela
Tuas mãos tua pele tua voz
Percorro teu corpo palmo a palmo
Sexto Poema
Quadragésimo Segundo Poema
Poema Oito
Poema Trinta E Um
A cor dos teus olhos me encantou

Conceição Cristóvão

kilumba muxiluanda
saudades de um ex-amor
sexualidades
ovalização
libido
verga. haste. eros?

Costa Andrade

Confiança
A luz total onde quer
O teu cabelo é tão lindo
Tu és muito bonita
A primeira vez
Acordar de madrugada ouvir a noite
Sufocar as ânsias sem vibrar
A onda
Os passos da rola
O teu corpo assim deitado é ressonância

Cristóvão Neto

Dizes Que O Céu É Azul E Foges...
Flor-Puta
Ah, Se Soubesses...
Ainda A Saudade
Lua Da Minha Loucura
Mandem-me Beijos De Nuvens

Dario de Melo

Esperei-te
Entardecí, amor...
Preciso inventar o teu perfume
Beber-te toda

Fernando Kafuqueno

Lajes
Sol dos teus olhos
A menina da rua ndunduma
Oh negra ardente
Mulher I
Rios: belos rios
Rainha

João Melo

Diz Que Me Amas
Repouso
Ela disse: beija o meu com
Aproximo-me desta mulher líquida
Dobro o teu corpo um quissange
Os odores do teu corpo embriagam-me
As cores do teu Corpo
Paixão
A marca do zorro
Assim te amo

João Maimona

Em sorriso
As Muralhas da Noite
Eu visitei. As estradas do céu
Quando vejo as minhas pernas
O poema da sentinela
Eu cantava as lágrimas
Palavras
Dia de silêncio
Noites de passagem
Noite de Inventário

João Tala

Ela Arde

O Paraíso Nós o Perdemos em Busca do Corpo

Esculpindo a Mulher

A tradução do amor

E as pupilas ardem

Palavras do lugar

Jofre Rocha

Poema

Madrigal

Poema do amor derradeiro

Invenção

Dá-me O Luar

Sonho, Logo Existo

Jorge Macedo

Poemas para Minguita

Nativa

Nair98

Templo Da Expectativa

O Mar Dorme

Pátria

Entre Ele E Ela

Dora Adoira

Tu És

José Luís Mendonça

A Resina Mais Branca Do Silêncio

O Fruto Das Palavras

Pássaro Submerso

Garina Minha

Soneto

O Que Diria Einstein?

Sem Palavras
A Primeira Pedra
Dongos
12 Na parede de trás do coração

Kudijimbi

Mocinha
Kinda
Kilumba I
Água da Sanga I
Seios Rasgados
Temperos da Vida

Lopito Feijoó

É tão maduro...
1.1 A Sua Sombra Nua
Rosa cor de rosa
Louca brava

Manuel Rui

2 poemas para o meu amor burguês
2 Escrevo para ti um cântico diferente e é bom
Trazias Tanto Mar Na Pele Dos Dedos
Amor
Amor Desta Manhã
Insónia
Apenas
4ª Palavra *Elilimilambela* sou eu. A fazer tremer
5ª Palavra Inclino o tempo para repararem
6ª Palavra *Ochisusumo* sou eu *olume* doce

Maria Eugénia Neto

Eternamente
E na noite
As tuas mãos amadas

Paisagem
Ânsia

Paula Tavares

Estou selada na ilha do meu corpo
Trouxe as flores
O Lago da Lua
A Curva do Rio
E o silêncio
O canto da noite

Ruy Duarte de Carvalho

A gravação do rosto
Aqui ejaculei delírios verdes
Aqui me dei, aqui me fiz
Os corpos
Fazem-se os rios
Impõe-se erecto e livre de roupagens.
Acordas ansioso por saber das grinaldas que o sangue
uma serpente que à falta de outro alimento lhes devorou
Nunca de Adeus
Oração de Macho e Frágil

Trajanno Nankhova Trajanno

2ª partitura de piropos à besangana
4ª partitura de piropos à besangana
Olor humano da flor 6º aroma
Sacro-belo 1º mosaico
Eco onírico 1º acto
Sexagésima - Enunciação
Percurso inefável do voo – 7ª. Ansiedade
Dolência serena do kisanji – 1ª. palheta
2 Pela partitura do sono (...)
1 Agora posso olhar-te por dentro (...)

*Poemas Musicados ou
Muito Lidos nas Tertúlias*

Aires de Almeida Santos

Damba Maria
Mariposa Vermelha
Meu amor da rua onze

Alda Lara

Incerteza
Para ti

Antero Abreu

Coisas Lilases

António Agostinho Neto

Nas curtas horas
Um bouquet de rosas para ti
Para enfeitar os teus cabelos

António Jacinto

Carta de um contratado
Pântano

Ernesto Lara Filho

Teus olhos dendém
Amor de mulata

Geraldo Bessa Victor

Porquê?
Amor perfeito

José da Silva Maia Ferreira

Carlinda
Porque podes duvidar?

Mário António

Quando li Jubiabá...

Traz uma nota...

Viriato da Cruz

Namoro

Rimance da menina da roça

O Éden Sem Fronteiras
«Visitações Necessárias Depois de Um
Cálice de Vinho»

André Breton

Pouco antes da meia-noite perto do cais
A Águia Sexual Exulta

Bóris Pasternak

Quero Chegar...

Camões

Alma Minha Gentil, Que Te Partiste
Mudam-se os Tempos, Mudam-se as vontades
Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente
Quando a Suprema Dor Muito me Aperta
Aquele Triste e Leda Madrugada

Camilo Pessanha

Canção da Partida
Crepuscular
Interrogação

Cruz e Sousa

Encarnação
Flor do Mar
Dança do Ventre

Charles Baudelaire

A Uma Passante
O Vampiro

E. E. Cummings

É Em Momentos Depois de Ter Sonhado
A Lua Esconde-se no...
A Primavera é Como Uma Talvez Mão
Os Verdadeiros Amantes a Cada Acontecer dos Seus Corações
Pode Não Ser Sempre Assim; e eu digo

Fernando Pessoa

Intervalo

Autopsicografia

Símbolos? Estou Farto de Símbolos...

Todas as Cartas São Ridículas

Manuel M. B. L. Bucage

Amar Dentro do Peito Uma Donzela

Martinho Lutero

Adultério Literário

Amor Ritmado

Pablo Neruda

Se Tu Me Esqueces

Se Consideras Longe e Louco

Áspero Amor, Violeta Coroada de Espinhos...

Amor, Quantos Caminhos Até Chegar a Um Beijo

Rainer Maria Rilke

Dançarina Espanhola

Shakespeare

22

43

51

141

Stéphane Mallarmé

Angústia

T. S. Eliot

Canção de Amor de J. Alfred Prufrock

O Amor é o Sal da Vida
Vasconcelos, AB

Mais uma antologia de poesia! São seis, até agora, que contam com a prestigiada chancela da União dos Escritores Angolanos (UEA), na colecção «Guaches da Vida» e «Sete Egos», para a ficção. Estes projectos editoriais marcam profundamente os processos de sistematização de conteúdos, os acervos marcados pela visão colegial e, por isso mesmo, bastante pluralista, e tornam-se de consulta obrigatória para quem queira ter uma imagem real sobre o nosso potencial poético e ficcional.

Vinte e quatro poetas escrutinados fazem parte da presente antologia. O que diferencia esta das demais, na verdade, são os seus requisitos, exigências que permitem uma certa selecção. Passo a enumerar estes princípios, até para que todos conheçam a justeza do acto.

Fazem parte da Antologia:

- a) Os escritores Membros Fundadores da UEA que tenham mais de dois livros de poesia publicados e um ou mais livros de narrativa participam com seis poemas
- b) Os escritores que tenham publicado quatro ou mais livros de poesia participam com seis poemas
- c) Os escritores com oito ou mais livros publicados participam com dez poemas.

- d) Num capítulo específico, participam os escritores cujos poemas fazem parte do cancionero angolano ou que são frequentemente recitados e canonizados nas tertúlias culturais que animam as cidades.

- e) O último poemário pretende ser uma curta e curiosa visitação pelos édens de grandes poetas de distintas nações. Esse corpo permite que o leitor tenha uma visão cosmopolita da poesia de amor de ontem, mas sempre actual.

Sabemos que o número de livros publicados não pode determinar tudo. A história da literatura angolana tem bons exemplos de escritores que só publicaram um livro e cujo acervo faz parte do espólio mais importante da nossa literatura. Mas os leitores compreenderão que qualquer literatura exige a permanente prática oficial de escrita, o exercício constante de exposição à crítica dos acervos para que se tenha uma visão sempre comparativa em relação às edições mais remotas de determinado autor. Falo da maturação temática e da plástica do texto e ainda do crescimento interior do poeta, porque, como dizem os mais-velhos, *«A vida é a maior universidade»*.

«A gente abre portas, espia, apanha e usa o que ajuda a ver melhor, a respirar melhor. Muda, deve mudar, volta, pode

voltar: importam a liberdade de acção e a fidelidade à arte – essa que não admite interferências nem faz concessões»

Lya Luft

A escolha da temática amorosa tem como objectivo situar o amor no cerne das nossas vidas. Ressalvo que a maior pujança temática da nossa literatura pós-independência, concretamente, até ao ano de 2002, esteve implicitamente relacionada com o apogeu da revolução marxista-leninista, numa ditadura cultural que só valorizava o *discursivo* e pouco espaço sobrou para o jogo de luzes e luas onde as palavras pudessem alcançar a maior plenitude. Quero referir: o amor ao qual tudo deve subordinar-se.

Decidi organizar a antologia de poemas de amor porque muitos leitores necessitam das nossas «febres e luas». E também para que o caos existente nos dias de hoje, a solidão da sociedade moderna, a poluição sonora e de gritos de angústia não se sobreponham aos valores de afecto e de ternura, valorizando-se a interioridade humana, a sua fragilidade e as suas incansáveis utopias. «*O amor é o sal da vida*», os mais-velhos têm razão.

Adriano Botelho de Vasconcelos

Organizador

Adriano Botelho de Vasconcelos*

* Adriano Botelho de Vasconcelos nasceu em Malange a 8 de Setembro de 1955. Obras publicadas: «Voz da Terra» (1974: ainda durante o regime colonial), «Vidas de Só Revoltar» (1975), «Células de Ilusão Armada» (1983), «Anamnese» (1984), «Emoções» (1988), organização do livro de ensaios «A Voz Igual – Ensaios Sobre Agostinho Neto» (1996), «Abismos de Silêncio» (1992), «Tábua» (2003), Grande Prémio Sonangol de Literatura – Ex-aequo (2003), «Boneca de Pano - Colectânea do Conto Infantil», (2005) «Caçadores de Sonho – Colectânea do Conto Angolano» (2005), «Todos os Sonhos - Antologia da Poesia Moderna Angolana» (2005) e «Olímias» (2005), obra que faz parte dos cinco livros mais votadas do Grande Prémio de Poesia da UEA de 2006, «Luanary» (2007), «O Amor é Sempre Agora – Antologia do Éden Angolano» (2007). Editou os Jornais «Unidade e Luta» (1974), «Angolê, Artes e Letras» (1984-1989), «Jornal Maioria Falante» (Rio de Janeiro), «Angola Magazine» como encartes do Semanário Expresso e o diário o Público. Concebeu o Webdesign do Site da UEA: www.uea-angola.org, o principal mundo digital da literatura angolana e que conta já com mais de noventa mil visitantes.

g) «Um quarto cheio de água
porque o teu ventre prende numa concha
o meu desejo e depois procuro ter na memória
o trampolim que parece feito
de fios de seda presos nos teus tornozelos
e não posso guardar se não o suor com medo
de ficar extenuado assim como uma águia
desiste de mais somas de azuis para a sua vertigem.
Precisas do meu suor e eu
tenho de tocar no kissange afinado
da minha juventude até para que o postigo
conheça a curiosidade de uma virgem
e lance longe o meu nome para merecer
outras insónias. Não podes levar uma flauta
sem o seu sopro: desilusão». «Um quarto
cheio de água, seu corpo desliza
com barbatanas que tornam mais apressado
os cursos do rio Kwanza, ainda posso
aguentar essas ondas e suas espumas
barrentas». A lua é uma luz inteira
de enigmas que se desenharam nos lençóis
que fecham a janela que divide a cidade
em dois espelhos. Eu vi como fiquei
com gula e sede apesar de dizeres que a melhor
chama demora para em fina cinza
esgotar a sabedoria do leão
que atravessa
o quarto.

a) A lua abriu um laço de prata na tua cintura para que a tua dança e suas missangas dominassem à esquina da noite todos os jovens que desceram descalços do palácio. O sossego do ouro nos seus músculos e tudo faz-se pelo favo de mel quando tocas por dentro os meus ouvidos como se os teus ais fossem a descoberta do meu ungo e batuque de pele de leão que vai avançar os teus passos à fogueira que deixa os teus seios mais pontiagudos. Se o escultor da ilusão te levanta como uma deusa que lança as palavras dentro da minha pele, eu não sei nomear essa alegria de veludo, teus olhos, tão difícil de entender o seu encanto, parece que o céu não pode fazer a sorte do seu mistério, olhos grossos e tão abertos mesmo dentro da insónia que fecha numa pedra a fantasia que sossega no ouro que os jovens deixam cair no rodado do teu vestido xadrez. Devido a tão perfeita amnésia eu encanto-me com os instantes que tenho outra vez de usar pelo tacto para voltar a deixar escorrer a aguarela pelos traços finos de sedução da tua imagem».

sempre que toco o teu rosto impresso
como desordem das lágrimas aquela
espécie de utopia: um casaco e um quarto
que fazem o conforto, e bastou
que tivéssemos muita pena
de nós. A meio palmo de teu pescoço
descubro o sangue que faz voar os lençóis

gosto dessa noite de saias brancas que retira
as mulheres das Kubatas sem nenhuma violência
riscam com o giz do sonho a varanda
em luz de delicadas ambições. Aflição da lua
que abandona o mar quebrando amarras em sua
âncora. Abre-se um lugar à passagem da lua
que virá fecundar o valor da palavra.

a noite percorre-se nos lábios
em abundância de brincadeiras
por detrás das mangueiras nosso cio
de acordar abelhas; mangas que concentram
ouro dentro do vestido onde o sono
aguarda a boca para inventar com um jarro
a insónia.

a meio palmo do teu pescoço toco
com tanta força as portas da queimada.
Uma estátua ou pássaro toca-me e eu sinto-o
como um lago suspensão do tempo
a querer manter o ventre iluminado. Vi a palavra
de dentro para fora: a mulher que a lua afogara.

**as raparigas deixam-se tocar até sentirem
a vertigem das gaiivotas. A seiva atravessou o corpo
com estátuas longas de febres como
uma oferta de sono**

as bessanganas procuram um imbondeiro
onde possam ensaiar a rapariga gestos a
descobrirem a vaidade do amor, cheiro
de leite que faz o corpo sobressair
em chamas entre panos apertados, cheiro
de leite que cria o ambiente da
inocência no corpo das raparigas onde
poisam as rosas. Os corpos untados com óleos
de leão aprendem a nascer em humidade
com a música. A música é a escrita feminina
do prazer que toca a rapariga até
o leite ser uma luz de insónia. Sei o que é
a cegueira.

**O peixe pode fazer durar as direcções de nossos corpos
até que o mel fique untando
no umbigo**

Esse cálice conserva com a mesma luz o batom
dos teus lábios e no lençol tocas o pássaro na ponta
de um tronco que deus esqueceu
quando apontou para o mundo e disse apressado:
multiplicai-vos. O peixe encolhe em ti o aquário
que só perde a sua luz quando todo o olhar é uma pausa
lenta no grito que veio com o ventre
para guardar uma idéia só para
nós. Um hino não chega para manter perto
de cama cada lição que se vai multiplicar
no jardim. Assim a terra pode fazer nascer rosas
de porcelana que agurelem o nome
dos filhos. O que farei com esse desejo?
Uma fada procura sentar no meio das nossas escolhas
e mostra com gestos até então adormecidos
na sala do mundo como se pode inclinar
o jardim até termos perto
a rosa. Não, não falo do cálice
esse símbolo corrompido pelos poetas, mas de um batuque
que une com fantasias os nossos corpos
como se perdêssemos as feridas
das identidades.

**Desabotoas as minhas fantasias como
se valessem só pelo teu preço. As arestas não são
obstáculos porque pode a raposa passar
pelo prado sem olhar
para o lago que oculta
a sua morte.**

O delírio altera a tua mão, já não é um ensaio
para descobrires a minha mocidade e por isso fazes
tudo com o louvor das flores num excesso
de suores. Ergues-te como uma torre que segura o mar
no lugar onde a lua descobre a maldade
das sereias. O leite de cabra unta a beleza como se por igual
medida dos mares, torres e sereias, eu tivesse só de ti
a devolução da paixão para viver
só mais um dia. A tua mão ganha a minha fraqueza
e ilude a minha mudança de olhos quando
me desprendo da terra como se tivesse
em teu ventre a oferta da minha
adolescência. Viro-me cada vez mais para dentro
de ti como se um deus ensaiasse o vício
em teus olhos, em teus ouvidos abro outros postigos
até aumentar a gula, só tu tens a prerrogativa
de podermos voltar com duas
esporas: Onde está
o cavalo?

**A madrugada já tinha guardado a sua origem
mas um imbondeiro serviu para deixar o peso
da verdade que se esconde entre
as escamas e o cemitério
que corta a cidade.**

Já não é a túnica que faz o sono do violão
que explica o lugar da igreja. Podia ser uma mulher
que se despisse dentro da água que levanta
os espelhos que obedecem os pássaros
e que seguem sem agonia o diluir
das esculturas. Pode ser o seu corpo se as estrofes
saírem dos teus gestos ao longo da luz
que prepara os barcos da minha insónia
assim se vai pela emoção num engano constante
que descubra como o fogo multiplica as minhas mãos
quando em teus olhos vejo o mar e janelas no fim da rua
e fechados no quarto. Não se pode concluir
um sonho sem que nos chegue primeiro a desilusão
e nunca se acaba no fim de um sonho o que nos sobra
em dúvidas e perfeição para deixar
a tarde no mesmo lugar onde se arrastam em pó
as persianas. O imbondeiro dá lugar ao silêncio
porque a verdade obedece aos anjos quando têm uma cruz
que iluminam os pregos dos nossos
âmagos. Podes tocar o mundo só com as aguarelas
que fazem a febre durar o sonho. Camisas rotas que tremem
os olhos e uma borboleta celebra a fuga
do cárcere. A verdade que se esconde entre uma unha
e o cemitério pode fazer durar a chuva para
aproximar as cinzas
do lugar dos
jacarés.

«Só dentro de mim vejo essa velocidade que deixa o castiçal no meio do lençol onde se faz o brilho da lua depois de passar pelo leite e esse cavalo não pára porque corta com a sua espada o que as frinchas das janelas e portas gostam de trazer nos exactos momentos em que temos de estar completamente surdos e cegos para esse mundo dominante. Toca em mim o sono que me faz estar diante do violão que conheceu através das minhas lágrimas, da pele que envelhece diante de um espelho que não devolve nada, a mais longa morna da vida».

(O espelho não devolve nada porque as olheiras deram-te tudo)

O círculo dá outra geometria ao quarto porque a lua está presa no teu tornozelo esquerdo: «É o cavalo que parte esse espelho que aumentou o violão que trouxe perto do altar a morna e é através dos estilhaços que escrevo as tuas palavras». Se através dos versos adivinhares como um lençol nos estilhaços agudos pode prender o cavalo dentro dos espelhos que lançam os barcos e as espumas no lugar em pedra das ilhas, prometo-te, eu hoje abro a janela do lado onde podes ver como os poetas escutam com estrofes o eco do quarto que roda sobre um pires que faz a morna mais lenta. Dentro de mim a vida só agora conta de verdade. Pelo que nos falta, agora tudo completa a minha ilusão, assim como uma criança recebe um brinquedo, o centro das suas noites com nova almofada. «A vida tem essa aventura que chega embrulhada num cavalo que parte para um lugar sem batalhas porque a violência das lanças vem em forma de cintura que deixa o cavaleiro em terra».

Se tiver que segurar a lua precisarei
de olhar para dentro de teus olhos e
é um ofício que treme o meu ego como um pingo
de chuva desperta a couve em suas próprias
franjas entrelaçadas e que em melhor aguarela
apresentam o seu verde de água. As sobancelhas
fazem um ângulo de veludo que aumenta
os músculos das tuas palavras mais secretas
que não podes explicar na rádio porque os poetas
fazem longas vigias à volta das vogais e podem preparar
as núpcias com muitas ousadias que já foram
nossas e que a janela aberta fez cair
à rua. Existe uma chama absoluta
que desloca a música em direcção a minha maior
ilusão e só a velha Ximinha consegue
pentear os seus cabelos, é uma boneca antiga,
batons sem força, mas que não podem esconder
os dentes e seus néctares, são signos d'água que enchem
o quarto, um aquário que estraga a bússola
para que as tuas mãos untadas d'óleo
alcem no pilar mais próximo de teu ventre
o cavalo que se guiou
pelas minhas rédeas
de ilusão.

j) Olha como o colar d'ouro da Matamba
 poisa sobre o teu busto, mas sobe à cabeça
 a noção da manga aberta pelas unhas. Os lábios
 tremem de sede e não tens como impedir a autonomia
 da lua, um político ainda a quis
 só para o seu terraço onde sempre exibiu
 a sua taça de ouro pesado e os vizinhos
 viveram o fascínio e partiram todas as lâmpadas
 da rua, mas o mar já estava fora da sua bacia
 porque os pés de Nandjá ficaram molhados
 e aumentaram a neblina que esconde o mundo
 em seus naufrágios. O mármore queima
 os teus pés, ainda procuras saber
 o nome do pássaro que te puxa
 pela cintura e tens a piscina inclinada
 por dois laços de lençol que aumentam
 o poder dos músculos. A cidade está distante
 mas vê-se os lençóis presos
 à janela e dois poetas seguram as suas pontas
 e mais gaivotas perseguem os olhos que enganam
 a canoa que desafiam os piratas com redes
 rasgadas e lançam outra vez
 o seu corpo para
 a água.

Akiz Neto*

*Akiz Neto nasceu em Luanda a 7 de Agosto de 1959. Obras publicadas: «No Crivo do Meu Sonho» (1988), «Na Ttrajectória da Serpente» (1995), «Cócegas e Despertar» (1996), «Horoscópio da Fragmentação» (1997) e «No Umbigo da Palavra» (2003), Organizou as seguintes antologias: «Borboletas da Paz – Poesia Infantil» e «O Sabor Pegadiço das Impressões Labiais»(2003).

**incógnitas ofuscam na memória única do chão
que fala da bilha duma melodia ciumenta**

vi dormir as estações teus seios de laje
conchas e pernas cheias de pulseiras
a estilhaçar do âmago fio a fio teu traje
noite lê ais íntimos, tua areia e fecho as poeiras

princesa de meus sonhos. Brilha
tal sensível colmeia essa dádiva
divina nos ombros da minha ilha
rápida. ao espelho fantástico. à deriva

gestos de sinos de sol doem-me demasiado
sobre os espelhos abruptos das paixões
guarneço no útero de sombra o mármore

comprimido do sonho voraz e extasiado
do sangue que nos une das proibições
cumprimos as galáxias do amor Lúmore.

**tanka no assobio aglutinado das mãos. Simbiótico cântico
haikaístico do amor. Vem meu anel de água. Vem.**

princesa amarrada
canta e v(*amo*)s às galáxias
íntimas do amor
kixibu é dança de nuvens
camaleões e paixões nómadas

a origem da virgindade, promessa de Concepção da matéria,
das explosões cósmicas dos seios *coconote* dum Luz que parte
Fofa em meu pólen. Ju-ro.

são doces os *maboke* de teu peito. o norte o centro o sul. Sul perto.
distinção vegetal do sul. Cristo tocou o sul da palavra. fomos ao
norte dialógico.às cócegas íntimas dos degraus célebres do sul. é leve
a angústia do sul amarrada aos teus seios. doutrina amásia do sul.
Sol. Sal. Luz e Verbo. sul e luz.. luz e sul.

**melodia, é uma palavra inteira no âmago trôpego do brilho
de caixões imersos no mar sobre os esqueletos, que aí dormem,
no leito do mar.**

é fogo é amor é dentro é força
selo em flor, verbo, que pede o mote
é a beleza que tange o sorriso da água ciumenta
o sol força a porta de br11 de teus olhos
em dialectos de pó como luzes interiores
no milenar útero do mar. o kisanji
e
fiquei fiquei fiquei no selo do amor
na ode em br11 de teu sorriso
onde a glória, mãos-tambores de África
verbo *nandumbu* de uma melodia partilhada.
uma metáfora nos lábios de tua asa marina.

**olhar a luz nómada. uni-vers(o)-al infinito
numa ode primeira da Concepção virtual**

navego em nove100tos caminhos de amor
sensíveis e abertos numa mónada *caliente*
doce rosto da rapariguinha *mwila*, se sente
nos espelhos de meus olhos de seda. o clamor...

a prostituta bebe noites repletas de c(oracões) e nada
daí penso que a cidade de oracões nocturnas e fugazes
é uma glosa de amor e ternura e gestos vorazes
na flauta da *katwandolo*, minha asa pontilhada

hábil no brilho do mármore. mulher negra
como a *samakaka* se lhe prende à âncora *caliente*
morango doce és minha abelha frágil, tangível regra

de sentir o fogo pernoitar o coração
encenando a voz, sente-se a contenção quente
dos desafios do pólen da peregrinação

teu corpo majestoso cristal de mukwa. boca arco-irisada.
Tundavala longínqua. ansiedade de *xícara* respiratória e ufana.

sorriso de sol na âmbula de teu corpo
a ágora como âncora polimorfa do beijo
rosto de cristal tua pele um ninho de sons
efémeros, na asa dúctil do fogo que nos une

levas as missangas e as pulseiras dos bois
e sorrisos e danças e chorámos do *fiko*, os dois
panos de *samakaka* choravam sozinhos no chão
e quatro braços fortes te tomaram em leilão

teu sorriso era de olivais do Namibe
teu andar tangia embevecida dança africana
teu corpo de *Leba* desenhava *okuleba*

agora sinto a ânsia que nos inibe
da travessia, essa dor, sarcástica cana
fina e doce e leve e rápida e marulha a *mateba*

tuas tranças eram raízes adventícias de *mulemba*
presas na nuvem para o areal dos ouvidos que tem
ao fim, agrafei todos sonhos de amor em teus lábios.

Amélia Dalomba*

* Maria Amélia Dalomba nasceu em Cabinda a 23 de Novembro de 1961. Obras publicadas: «Ânsia» (1995), «Sacrossanto Refúgio» (1996), «Espigas do Sahel» (2004) e «Noites Ditas à Chuva» (2005).

Quanto Baloíça o Vento

Construo para ti um poema de chocolate e cera

para que se derreta todo em teu suor

que se funda todo e todo se apague ao teu corpo

modelado de anil e chuva

para que se dilua no azul do teu olhar

estou na quimera dos meus desejos a construir o poema

para que baloíce ao vento o teu sorriso de criança contente

em todas as paredes das minhas visões com força d' amor

com pureza da mente

Reencontro

Com o amor já havia sonhado
e esta rua e esta gente
este homem de dedos marcados de luz
este olhar de maré-cheia entre calemas
onde habitava séculos dos meus dedos
diz-me do amor que me vem salvar
na conspiração dos astros e cosmos em flor
estendendo pontes ao reencontro

Amor Em Carta Aberta

Meu amor venho em carta aberta, dizer o seguinte:
de ti vi nascer a paz!

Crescer árvores nos baldios das minhas solidões onde pássaros
chilreiam e anunciam o sol e a chuva ao deserto.

Tua chegada trouxe o projecto de uma casa com dois cómodos
apinhados de livros, um pomar de rica sombra e nossos netos de
todas as cores, a treparem pelas nossas bengalas e cadeiras de verga
balanceando com seus choros e fraldas molhadas;

De ti recebi o sémen do amor, verdadeiro de mais, para se esbanjar
pela cercania da mágoa. Hoje enquanto o céu caía sobre mim, da
chuva das tuas lágrimas compreendi a imperfeição da minha alma!
E o que me levou a desentender o percurso de nós. Vejo que o
abismo pode estar onde menos se espera, até, imagina, na esquina
desta entrega que nos parecia ser capaz de superar todas as crateras
e enfrentar as trevas... quanta crueldade!

Enfim, este adiamento ao nosso reencontro e aos nossos corações,
talvez traga maior maturidade e aceitação da vida com a
serenidade das coisas simples:

Somente!

Que Me Tomes e Bebas

E no acaso desta certeza
o rosto é nada quando vens
com teu peito resplandecente de luz
este estar presente pressentindo saudade
no telefone que toca
na canção que se ouve
no poema escrito a dois
sentido como dedos duma mão puxando redes
embalando criança
cavando terra
lavando roupa num rio que sacia
esta sede de estar contigo
como água na sanga que me tomes e bebas
e sirva para todo sempre
à secura que te possa trazer o tempo
meu guerreiro vitorioso de todas batalhas

Proclamação

Proclamo nosso amor em campanhas imemoriais
aos que nos condenam à dor em contestações banais
semeio fontes e flores na alvura da beleza
proclamo manhãs de sol as almas mortas de impureza
para que se esfumem suas dores e do amor tenham certeza

proclamo o amor

virei pássaro de arribação

transporto no bico força às sementeiras

germinadas em forma de coração

exorto com devoção

razão de minha alegria e canção

meu amor

nosso amor proclama

Das Pálpebras Do Passado

Em concha as mãos estendidas ao olhar sequioso
tão ternas resplandecem ao dia amor imenso
como oceano de água pura
habitas amor versos iluminado
quando fito teus olhos castanhos
na obcecação da beleza
és um lírio imaculado
mais uma vez te encontro
recostado nas pálpebras do meu passado
hoje
em Dantesca montanha do meu silêncio e da minha paz
o criador permeia resplandecente ternura aos enjeitados do
destino
agradeço a dádiva de seres tu a mais preciosa oferenda
ao meu pobre coração cheio de pecados

António Cardoso*

* António Dias Cardoso nasceu em Luanda a 8 de Abril de 1933-2006. Obras publicadas: «Poemas de Circunstância» (1961), «21 Poemas da Cadeia» (1979), «Panfletos» (1979), «Economia Política» (1979), «A Fortuna – Novela de Amor» (1980), «Baixa & Moceques» (1980), «A Casa de Mãezinha – Cinco Histórias Incompletas de Mulheres» (1980), «Lição de Coisa» (1980), «Nunca é Velha a Esperança» (1980), «Chão de Exílio» (1980) e «Poemas de Circunstâncias» (2003).

Encontro De Acaso

Na tristeza de meus olhos
Pousaram suaves os teus.
Nos meus lábios secos de tabaco
Roçaram suaves os teus.

Mulher!
Nem sabes a força que deste
A este desespero calado
De rebentar as amarras
De um dongo numa praia de pesadelos
Varado.

Pedido

Só te peço esse olhar doce
Profundo, naufragado
No teu olhar.
Essa tão doce promessa
De beijar submersa
Nos teus lábios de sangue...
...para fazer as coisas mais impossíveis do Mundo!

O Poema Que Te Não Sei Fazer

Tenho um poema todo negro no cérebro.
Um sabor a sangue
Do poema vermelho da boca.
Uma ânsia louca e branca
Do poema róseo
Que me ofereces sôfrega e eterna
Ao artista que sou.

A!, fora eu mágico
E com esta sinfónica paleta
Musicar-te-ia o poema
Que fizesse de ti a rainha
De um tão pobre escravo-poeta.

Chão De Exílio

Doces deveriam ser teus olhos

-Pássaros irrequietos

Se meus ramos nus e secos

Te alcançassem.

Mas neste chão de exílio

Onde mora fome iludida em milho,

Morte em céus sem nuvens,

Ventres mirrados e choros de crianças

Em ventos assassinos,

Não pode resistir memória de ti,

De teus olhos.

-Pássaros irrequietos

Se meus ramos nus e secos

Te alcançassem.

Há Momentos

Há momentos na vida de um Homem
Em que sabe que acordou diferente
E que já não é o mesmo para ele,
Mesmo que o seja para toda a gente...

Há momentos na vida de um Homem
Onde só pode entrar uma Mulher
Aquela que lhe trazer
A flor do sexo
Desenhada a vermelho no ventre
E nada lhe perguntar...

Há momentos na vida de um Homem
Onde só pode entrar uma mulher
Aquela que lhe trazer,
Num abraço total,
A ilusão da vida inteira...
E, depois, partir
Com a esperança de vida que ele semeou...

Há momentos na vida de um Homem
Onde só pode entrar uma Mulher
Para todo o Mundo se resumir
À flor vermelha
Como um bocado de sol
Que desponta numa telha!

Delirium Tremens

Uma certa tremura nos dedos
Deslizando no papel
Um punhado de segredos...

Estrelas remotas
Na noite escura...

É Inútil Chorar

É inútil chorar:

«Se choramos aceitamos. É preciso não aceitar.»

Por todos os que tombam pela verdade

Ou que julgam tombar.

O importante neles é já sentir a vontade

De lutar por ela,

Por isso é inútil chorar.

Ao menos se as lágrimas

Dessem pão,

Já não haveria fome.

Ao menos se o desespero vazio

Das nossas vidas

Desse campos de trigo.

Mas o que importa

É não chorar:

«Se choramos aceitamos. É preciso não aceitar.»

Mesmo quando já não se sinta calor

É bom pensar que há fogueiras

E que a dor também ilumina.

Que cada um de nós

Lance a lenha que tiver,

Mas que não chore

Embora tenha frio:

«Se choramos aceitamos. É preciso não aceitar.»

Ainda Não Fiz Um Poema De Amor

Falta-me fazer o poema de amor
Consciente,
Sentindo os pés bem firmes na terra
E o sexo como a semente
Que promete em breve ser uma flor.

Falta-me fazê-lo
E mandá-lo à noite
Quando o corpo dela nu
Se mirar nos vidros da janela
Fugindo das roupas que o prendem.

Depois colher a flor
Como a ave que leva no bico
Uma palha para o ninho,
Ou como o viajante sequioso
Que bebe na fonte do caminho...

Amizade

Passam anos – sobra a dor;
Passa a dor – sobram enganar...
Só nunca passa o calor
Dos amigos que ganhamos...

Algumas Quadras

Se este desejo fosse flor
E a minha dor voasse
Era como se passasse
Uma estrela, com asas de condor.

Olhos verdes da cor do mar
De tanto vos ter fitado
Já me não posso salvar
De neles morrer afogado.

A lua fez-me lembrar
Teu corpo a desfalecer.
Branco de leite $\frac{3}{4}$ o luar
Se teus seios a nascer.

Um dia duas estrelas
Na terra vieram morar.
Hoje vejo-as tão belas
Nos teus olhos a brilhar.

Desejo

Aterra-me nos lábios
Com teus beijos
E deixa-me voar nas asas do sonho
Iludido ainda por viver...

Navega-me
O corpo impuro
Do meu casco imaturando,
Com as ondas crespas e revoltas
Do teu negro e revoltado cabelo.

Viaja por mim
Teu corpo em carícias
De voltas ao Mundo:
Sejam abraços tão fundos
Sem nunca lhes medir o fim!

António Gonçalves*

* António Domingos Gonçalves nasceu a 10 de Agosto de 1960. Obras Publicadas: «Gemido de Pedra» (1994), «Versos Libertinos» (1995), «Adobe Vermelho da Terra» (1996) «Buscando o Homem» (Antologia poética, 2000) e «El Lenguaje de los Pájaros y de los Sueños» (2005).

Falando do amor

Falo do amor
que te rouba e devolve o sangue
que é guerra e paz contínua
alívio e desgraça permanente
falo do amor que não é sexo

falo do amor
que se manifesta nas unhas
que são suores e pelos em chamas
sobrancelhas e tacto em ebulição
falo do amor que não é carne

falo do amor
poliglota, desconhecendo raça e crença
que é um oceano de emoções
que é cicatriz sem ter sido ferida
falo desse amor que não é sexo

falo do amor
interplanetário e atómico
(neutrões, protões e iões em contradição aparente)
naves e corações que descolam
como transitam os símbolos no Zodíaco
falo desse amor que não é carne

falo do amor
que é renascimento
como alguém que atirando pedras ao charco
se vai banhando por dentro
enquanto por fora

o seu tamanho se confunde com o mundo
falo desse amor que não é sexo

falo do amor
que não é língua
mas a saliva
abundante das mãos
falo desse amor que não é carne...

Se calhar

Se calhar é um sorriso inacabado
acabado de ser esboçado por ela

Se calhar é meu olhar
no espelho que são os olhos dela

Se calhar são as ondas no seu corpo
opulento e fresco como o *cajú*...

Se calhar é angústia que a atormenta
no tormento que tem sido a vida dela

Se calhar é o mar com ciúmes dela
e ela, ser inacabado de uma perfeição maldita!

O planeta Amor

A tarde morre sobre a cidade e o pôr-do-sol somos nós
ofuscando a miséria que grassa no covil dos humanos.
Lá fora desfila o barulho da cidade morta que só o nosso amor dá
vida.
Nascem estrelas no quintal, enquanto o sol se prepara p'ra dormir.
O dia e a noite ainda bebem o maruvo das palmeiras.

E por incúria dos humanos não nasceu o planeta Amor

Ela levita

As cadeiras se põem de pé
quando ela fala

A mesa caminha
quando ela pensa

O chão se dobra e desdobra
quando ela tosse

O ar aumenta o seu movimento e dança
quando ela respira

O barulho das ruas
é o silêncio quando ela medita

E quando o amor
se dá a conhecer... ela levita

O beijo

E o beijo foi como
Uma viagem ao espaço
De tal forma que
Quando regressados à Terra,
Ter-se-á passado apenas um dia.

Já és o meu planeta

...e transluzes uma energia
semelhante a que impulsiona
a criação de um planeta.
Quero ser essa energia
porque já és o meu planeta!

Arnaldo Santos*

* Arnaldo Moreira dos Santos nasceu em Luanda a 14 de Março de 1935. Obras publicadas: «Fuga» (1960), «Kinaxixi» (1965), «Tempo de Munhungo» (1968), «Poemas no Tempo» (1977), «Na Mbanza do Miranda Cesto de Katandu e Outros Contos» (1986), «Nova Memória da Terra e dos Homens» (1987), «A Casa Velha das Margens» (1999), «Crónicas ao Sol e à Chuva» (2002), «A Boneca de Quilengues» (1992), «As História de Kuxixima» (2003) e «O Brinde e a Palavra e a Máscara».

Poema Da Intenção

Se eu pudesse deitar-me
entre a terra e o sol
na crina
de todas as copas mulembeiras
e no caminho dos túneis
dos ventos decompor
o espectro de sons
o marulhar
que se quebra
nas margens dos nossos sonhos

Colheria
para ti apenas
o canto das viuvinhas

e dar-te-ia
uma nova respiração
num tapete
de altos-cúmulos de Novembro
prenhe de grandes chuvas
sementeiras.

Beijos-De-Mulata

Os beijos-de-mulata
não têm perfume

apenasmente
a limpidez do seu desejo
branco

ou
uma concêntrica fúria
acesa
 tacula-roxo-carmesim

e ser
a melhor droga contra o cancro.

Afinal pra quê perfume...?
Onde elas crescem
morrem as outras plantas...

Nova Memória

para a minha Mãe

Ter
mais um dia de vida
agarrar
a chama
a queimadura
o alento
cada vez mais na frente

Oh! Minha mãe
como soubeste lutar
oh! minha terra
meu chão
como te escapas de mim
e da minha gestação

Na nova memória
em que me instalo
oh! minha grande árvore
mulembeira já sem sombra
vou esculpir a tua estátua
e procurar-te
nas imagens e amuletos

na poesia
com que vestiste teus gestos
do sagrado e longo amor
pela vida.

Meu Pai No Corredor

Meu pai
no corredor

Na esquadria
do tecto branco
do chão branco
deserto

Meu pai
no corredor

Parado
no fundo branco
no silêncio longo
gelado
deserto

Meu pai
no corredor

de fato branco
suspenso
no entre-acto
da sombra branca
desperto

Meu pai
no corredor

Parado
na luz branca
asséptica
de olhar branco
petrificado
implora

Meu pai
no corredor

no meu peito
a face imberbe
aos vinte anos
nas minhas barbas
encanecidas
enfim
 chora.

Luanda. 2005 - (*Inédito*)

Carlos Ferreira

Carlos Sérgio Ferreira (Cassé) nasceu em Luanda a 28 de Fevereiro de 1960. Obras publicadas: «Projecto Comum» (1982), «Projecto Comum II» (1983), «O Homem dos 4 Andamentos» (1985), «Sabor a Sal – Crónicas» (1986), «Começar de Novo» (1988), «Voz à Solta» (1991), «Marginal» (1994), «Namoro o Mar» (1996), «Ressaca» (2000), «Angústia do Fim» (2001), «Quase Exílio» (2003), «A Magia das Palavras» (2004) e «Até Depois» (2007).

mor...
não me vieste buscar!

acordamos alguma vez de novo lado a lado
a água da manhã a molhar-nos os dedos
sem nuvens cinzentas
feitas de pó de poeira
e do fumo dos carros
que sobem a calçada

acordaremos algum dia outra vez lado a lado
a sede natural de fazer amor pela manhã
sem contas para sobreviver
reliquias para recordar
em tardes de muito sol
vociferando
contra a maldade dos homens

queria tanto ver contigo
fiozinhos de água
descendo cidade abaixo
de mãos dadas olhos nos olhos
tropeçando em tapetes de espuma
até à baía da nossa infância

acordar uma madrugada
deitado a teu lado
e ver as acácias tornarem a florir
em novembros diferentes

com vontade louca
de estares aqui
ao pé de mim
ou entre os rochedos da ilha

sem a poesia dos patrulheiros imbecis
maltratando o amor... não... mor
nunca mais te posso ir buscar

Ficaria em ti num amplexo
naquelas horas
tu me olhando
como quem faz de conta.
Percorro-te assim
num bem-estar definitivo
andorinhas cintilando
nossa breve fuga passageira
arquivada para sempre
mesmo em memória fugaz.

À luz de uma vela
foste chama curta
para lembrar meus abraços

À luz da solidão
foste espera ténue
para acordar meus passos

À sombra do rosto
tua pele foi poema
para travar a gangrena adiantada

À sombra do peito
minha morte foi um instante
no desejo de cair nessa cilada

À espera do cansaço
tua voz fresca
acordou-me de um sono prematuro

À espera do silêncio
tuas mãos gereram
o fruto estava por demais maduro.

(Para ti)

Tuas mãos tua pele tua voz
teu saber entender o mundo
tua boca teus olhos teu palco
tua plateia calada estupefacta
tua lágrima teu saber estar viva
nossa morte paulatina
tua lição de repensar a esperança

Percorro teu corpo palmo a palmo
minha boca persegue cada poro da tua pele
bebo-te, sumo da vida
adormeço em tuas coxas
e acordo às vezes acreditando na vida.

Sexto Poema

(deixa-me então oferecer-te este poema.
pelas muitas quedas e curvas)

docemente te pego está frio mas não vejo o céu a não ser
duas estrelas combinadas para toda a vida e és nuvem chuva
lábio mordido docemente.

te seguro e te enquadras em absoluto no meu queixo esvaído
onde guardo em jura o gosto provado na primeira noite
à passagem da eterna ilha de Luanda na mesma hora acabada uma
garrafa de cinzано meio amarga loucamente doce como tu
teu olhar teu corpo meu nevoeiro.

Quadragésimo Segundo Poema

perguntei aos deuses quem eras se milho se lençol branco
invadindo meus sonhos. por isso te dediquei uma canção o
delírio
o acordeão do minguito murmurando o ultimo tango das nossas
vidas.
quem és tu donde vens com graça e suavidade neste hemisfério
público como nasceste vestida de sol e lua na garganta um canto
nos olhos a cor de uma fera amansada nas mãos o prazer a
borbulhar a face a ternura e o simples gesto de prender ficando
livre...livre...só livre

Poema Oito

Te ter.
Pétala a pétala
o corpo
a face
o gesto
a tua esquadria em minhas mãos
língua de sol tocando teu peito.

Poema Trinta E Um

Não te falte nunca a beleza
corcel de sonhos
espuma branca em mar longo e cristalino
voz sofrida dum batuque arrancado
neste tempo desfasado
glória inútil de me saberes poeta
cerceado marcado impedido
na luta selvagem pela vida.
Não te falte nunca a coragem
pé de Ginga pôr do sol no Miradouro
majestade (ou tu simplesmente)
voz alada procurando um coro
neste trágico final alucinado.

A cor dos teus olhos me encantou
a tua ambição cega me desnudou

O pasto era verde
o céu azul
aplaudiste o desafio

A voz dolente
a lágrima lancinante
vinhas até mim pela picada

logo-logo
os meus pés feriram-se nas encostas
de novo só com as minhas mágoas

abandonado eu
recomeçavas tu nova subida

para o teu reencontro triunfal

podes ir...
já me passou toda a dor
já não me fazes mais mal.

Conceição Cristóvão

Conceição Cristóvão nasceu em Malanje a 4 de Junho de 1962. Obras publicadas: «A Voz dos Passos Silenciosos» (1990), «Amores Elípticos» (1996), «Idade Digital do Verso» (2002), «Pela Porta da Palavra» (2003) e «Solsalseiosexo» (2006).

kilumba muxiluanda

à

cidade de Luanda.

... num rouco e lânguido muxoxo
ao entardecer
a cidade se espreguiça:
ressonâncias das telúricas
núpcias mar/fogo. oh! vida.

levantam voo asas
de alva espuma.
deposita suaves beijos o mar
nas rochas. e sento-me. absorto

o horizonte, em chamas vespertinas
sorri às ondas
em seu erótico
saracotear
de kilumba muxiluanda.

nas esquinas enrugadas da onda
poiso meu rústico braço.
com ele se evola todo o universo
em tão ígneo verso...

oh! urbana ansiedade: choros risos
e sulfídricas sombras.
com frémito, raios de sol
salgados de sal
bebo. a vida mente.

saudades de um ex-amor

construo sólidos castelos d'areia
que se destroem
no contacto
com a ímpia suavidade da onda.

... aspiração frustrada.

amor na concha de vento
no êxtase poético
na ondulante curva
da nossa união. na areia.

... amor na interrogação da onda.

minha lágrima:
néctar salgado
pérola de esperança
no mar adocicado.

... para quando o reencontro?

sexualidades

(re)bola na trave
ante ve a folha seca
ressequida no caule seco
e olhar, e olhar, vendo
interstícios.

os intervalos estão definidos.
seios escoam aromas
e o baixo relevo (re)define
interrogações e pulsações
que no aço do falo erecto
falam de banais sexualidades.

ovalização

à
mulher.

a mulher:

é um ovo
encerrado na sua brancura
redonda. elíptica. pura.

é incógnita e silêncio.

abre-se na superfície exterior
da casca. estéril.
e a luz retida no interior
acelera o ritmo do caos.
e a voz oval
idade liberta.

e a mulher
é, de novo, um ovo.
branco. redondo. liso.
incógnito e misterioso.
...enquanto fechado.

lívido

a sensualidade no rosto da folha
é meu grito alforriado
para além do orgasmo (re)produzido
ao som acelerado de teu respirar.
de teu respirar...

geme suave mente.
que entre tuas pernas, Eros
germina um flor
a fingir o longo silêncio circular
que planta lírios de pedra e vácuo.

desliza violenta te(n)são quente
entre testículos. e, inocente mente
já se apossam sexos de almas despidas,
pelo desejo de fundir a carne.
...no côncavo e no convexo.

verga. haste. eros?

verga. haste
in púdica mente
ver ti cal
des(a) fias grav(e) idade
nos espasmos orgásticos
desse manto de gemidos. idos
ao limite da dor. Vegetal

Costa Andrade

Fernando da Costa Andrade nasceu no Huambo aos 12 de Abril de 1936. Obras Publicadas: «Terra de Acácias Rubras» (1961), «Tempo Angolano em Itália» (1963); «Um Ramo de Miosótis» (1970), «Requiem Para um Homem» (1972); «Armas Com Poesia e Uma Certeza» (1973), «Poesia Com Armas» (1975), «O Regresso e o Canto» (1975), «O Caderno dos Heróis» (1977), «No Velho Ninguém Toca» (1978), «O País de Bissalanka» (1980), «Histórias de Contratados» (1980), «Literatura Angolana (Opiniões)» (1980); «O Cunene Corre Para o Sul» (1981), «Ontem e Depois» (1985), «Falo de Amor por Amar» (1985), «Lenha Seca» (1989), «Os Sentidos de Pedra» (1989), «Lwini» (1991), «Luanda» (1997); «Terra Gretada» (2000); «Adobes de Memória (2 Volumes)» (2002); «A Profecia» (2003); «Ascendências» (2005); «Antúrios de Naufrago» (2005) e «Com Verso Comigo» (2005).

Confiança

Olha amor estas anharas
nelas renasce
o verde forte
do capim...

olha e escuta a vida
a borbulhar
sob a imensa sensação
de sermos nós

olha amor
 e solta enfim
 o brado da certeza
 que não é crime
 o grito à vida
 e ao amor que se adivinha.

Olha amor estas anharas
renasce verde

A luz total onde quer
que o querer se acenda
na vastidão das águas
geografia de águas recortada.
O nacarado olhar
do chão ferido de memórias.

8.

O teu cabelo é tão lindo
por ser teu contigo e tudo
como o andar
e os olhos
esses olhos que são meus

Não gosto que desfrises
o teu cabelo tão lindo
que é teu
como o teu andar
e esses olhos que são meus

Tranças do Menongue
penteados de Caluquembe
desenhos que gosto tanto
flores no cabelo tão lindo
teu como o teu andar
e esses olhos que são meus

O teu cabelo e os olhos
esse andar de rola nova
matebas das anharas
mulolas do Lunhameji
e esses olhos que são meus
já viram chana com neve?

Então!

9.

Tu és muito bonita
todos dizem isso quando
falo com todos da beleza
da minha noiva
e eu até digo
o cacimbo em Junho
em cima da flores de chipipa
não é mais bonito
do que a beleza
da minha noiva

Tu és muito bonita
já te disse muitas vezes
mas é verdade
que a tua beleza maior
é mesmo aquela que está
no fundo do teu pensamento

13.

A primeira vez
que desci um cortiço
com fumo
as abelhas picaram tanto

É como entrar no liumbo alheio
beber água sem pedir

Esse gosto que temos
juntar as nossas mãos
procurar as nossas bocas
e perguntar
como vai ser o nosso filho
só é bom até no fim
quando a sombra do descanso
é igual para todos

Somos só um ao luar
felizes rimos felizes
se formos três depois
ainda mais tudo isso

14.

Acordar de madrugada ouvir a noite
cantar os favos de mel
colher a massaroca pendurá-la na tulha

coisas que fazemos
quando não temos sono
estamos saciados
temos sementes na quinta-feira

Agarrar na tua mão sem dizer nada
fazer um risco pequenino
sobre o teu rosto redondo
a mesma satisfação
da gota de cacimbo no capim
a reflectir o arco-íris de manhã

15.

Sufocar as ânsias sem vibrar
sentir a queda e não a cair
matar os sonhos sem dormir
rasgar o verso sem escrevê-lo
aceitar-se pedra sem quebrar
sereno e louco sem nunca deprimir-se

O mais difícil é dar um rosto alheio
por ter razão a lágrima interior
raiz do chão a rachar enxadas
lua forte não é sol
palavras moles a ferir o peito
água a jorrar do deserto

Coxa de nunce dobrada apodrece lentamente
Atrás das cicatrizes cruas a medalha nua da morte

1.

A onda
que vem da pedra
leme
que medra
freme

3.

Os passos da rola
ausente
a poesia que evola
do mito ardente
e cola
a memória das ofensas

9.

O teu corpo assim deitada é ressonância
do protesto dos cabelos à luz que te projecta
silenciosa recusa do sono e do marulhar das sombras
o percurso descoberto do veludo ágil
denso por ser igual e doce por ser raro
único por ter sido articulado por amores imaginários
são vários os caminhos no início do caminho
para cima o mar da pele sobre as colinas
rijas e suaves lácteas pulsações de sal
salgado sal que o sol do ninho esconde
entre o desejo de viver e prostração
estar assim após o tempo morno
até que o fogo seja novamente irado nas cavernas
o corpo sem sentido das palavras do salitre
dê rumor ao dizer amor com tanto eco de colmeias

Cristóvão Neto

· Cristóvão Luís Neto nasceu em Luanda a 30 de Dezembro de 1954. Obras publicadas: «Sinos d' Alma» (1994), «Pausa», 1998), «Catarse» (2005) e «Delirium Marcha Lenta» (2005).

Dizes Que O Céu É Azul E Foges...

Dizes que o céu é azul e foges
Não fujas de mim, ó doce nuvem
Nada faz tão bem
Como tu a voar longe
No céu que tu dizes azul.

Eu quero
Uma só palavra de mármore
O ódio de uma tempestade
Nas costas frias de um anjo de fitas amarelas!

Prometo que amanhã
Na esteira de caracóis verdes
Largo estes braços de madrugada

[e serei também feliz!

Sinfonia em “é”

Do amor
que é saudade
ou suor
não sei o que é
senão vontade.

Se é para dizer
melhor fé
só o fado de ser
o que se é
porque se é!

Ah, Se Soubesses...

Se soubesses, querida
O que promete meu coração
Nesta terna noite silenciada
Por este negro manto-embrião.

Se soubesses, amada
A doce dor de te amar
Neste instante eterno da nossa vida
Que anseio com muito amor amar.

Se soubesses...
Oh, quem saberá, meu amor
O destino das mãos do cantor?

Ainda A Saudade

Oito anos se passaram
Tudo passou:
A fábula que sonhei para mim
O tempo e o sonho e os anos
O sonho e os anos
Só eu fiquei
Rezando o rosário dos dias
E as contas conto todas as noites!

São muitas as contas no terço
E o berço e a noite em que te prendi
Estão aqui ausentes de nós
Tudo sangra
Mas nos olhos brilha ainda o amor
O mesmo amor que lhe dediquei
O amor que o frio selou nos anais do destino!

É tanta a saudade, meu amor
É tanta a saudade, meu amor

Que jamais saberás talvez
Quão grande foi
O amor das minhas mãos
Na carne suada do teu corpo em fúrias!

Só Deus sabe
Que é tua a voz que levo ainda na saudade!

Lua Da Minha Loucura

Ó lua, ó lua
Cavalo da minha loucura
Já ninguém ousará contra mim.

No rodopio do cosmos
O meu corpo é um fogo vazio!

Oh, demo!
Os meus olhos
A soltar endechas às pernas da noite!

Já não vou sem vós
Nem que o sol se esfregue em mim:
Descobri a marcha nupcial do fogo
E a textura menos viva da claridade!

Mandem-me Beijos De Nuvens

Estou
Onde estou silêncio
Sobre as ervas de uma tarde a pensar:
Mandem-me beijos de barro e nuvens!

Mandem-me
Beijos de nuvens:
Uma mulher de sinos
A cantar-me a mesma solidez deste vazio antigo!

Dario de Melo

Dario de Melo nasceu em Benguela a 2 de Dezembro de 1935. Obras publicadas: «Quem vai buscar o futuro» (1982), «Quem se gaba» (1982), «Quem gosta de cantar só?» (1983) - Publicado na Coleção de Clássicos Infantis da Europa América; «A estrela sozinho» (1986), «Um comandante sem arma» (1983), «O galo e a rola» (1984), «Estórias do leão velho» (1985), «Vou contar» (1988), «Queres ouvir?» (1988), «No país da brincaria» (1988), «Contos infantis» (1993 Editado pela UNICEF), «As sete vidas de um gato» (1998), «Inaldino, Policial» (1986), «Quitubo», «a terra do arco-iris» (1990), «Os riscos mágicos» (1993), «Onda dormida» (1991), «Quando os meses tinham nome» (2001), «Aqui mas do outro lado» (2000), «A quarta idade» (2002), «A senhora dos passarinhos» (2005), «E agora, André?» (2005)

Esperei-te
 não vieste
e quase a noite caía
nesta toda geografia
que foi a ausência de ti
(era o sol que me fugia
procurando madrugadas
do outro lado de além?
Em cada ponto da terra
o sol é sempre
a madrugada que vem
e aparece
Só a mim
calhou-me a noite)
Esperei-te e não vieste
É tarde Amor
 Anoitece

Entardecí, amor...

E tenho agora
uma janela de olhar
e nada ver
(senão ver
a janela sem nada
que hoje tenho)

Entardecí
amor...

As flores morreram
Secaram-se
as fontes e os jardins
Os cactos
(que nasciam e cresceram)
ressentimentos de ti
e tu de mim
ficaram
Se entardeceram
como eu em mim
ainda não morreram
nem murcharam

Preciso inventar o teu perfume
e o lume
para moldar os sinos
dos teus seios

Preciso desenhar as catedrais
e construir as cores
e os vitrais
a condizer com o brilho
dos teus olhos

Teu corpo
como te invento
teria o bronze que fosse
roubado
à fúria do mar

Teu corpo
como te quero
seria como te espero
(teus seios
se dois botões
como beijos de morango
em sorvetes de luar)

Nem tanto
o que preciso de inventar
como preciso de crer
como te quero
se te inventei diferente
a esperar
sou sempre igual a sempre
se te espero

Beber-te toda
 e não seria tudo
Redescobrir-te em mim
 Redissolvida
Rasgar-te seda
 sonho de veludo
Viver-te seiva
 sangue / sal
 e vida

Fernando Kafukeno

Fernando Kafukeno nasceu em Luanda a 18 de Novembro de 1962. Obras publicadas: «Boneca do Bê- Ó» (1993), «Na Máscara do Litoral» (1997), «Sobre o Grafite da Cera» (2000) e «Missangas! Kituta» (2000), «Erosão de Fogo» (2007), «Sublimação de Aresta» (2007).

lajes

deixa-me
oh linda negra

suplico-te, vezes
sem conta

orvalhar
te a rotação outra

sol dos teus olhos

aveia na espuma
da tua língua

voz nos seios
dos teus batons

aveia e voz
doninhas do

sol dos teus olhos

a menina da rua ndunduma

a menina da rua
ndunduma
veio visitar-me

trajada de fato
cor de tijolo
semelhante a
cor mulata da
sua pele

despiu-se na
soleira da porta

caminhou no
meu interior com
a saliva da língua
percorrendo-me a
curva do pescoço

dos olhos da menina
da rua ndunduma eu vi

a beleza do seu corpo
e o encanto dos seus
cabelos no riso do
seu rosto

a menina da rua
ndunduma
veio visitar-me

oh negra ardente

teus cabelos longos
oh negra ardente
como o sol
das estrelas

são a brisa
da kinanga
na boca da lua

oh negra ardente
como a salina
dos sonhos

tua viagem priva
o orvalho da
minha entranha

em teus lábios
ornamento coqueirais
da praia da corimba

teu andar ulungu
oh negra ardente
como o sol das estrelas

mulher I

esta mulher: une-se
a mim pelo rastilho
de caça

é. está mulher: sente
o orvalho na flora pelo
rude porte do meu punhal

e vem à minha espingarda municada
alvejar o bicho

rios: belos rios

para ti meu amor
trago esferovites
de mar igual aos rios:
belos rios gravados
na flora dos meus olhos
para ti meu amor
faço a escultura do
teu rosto com
a ráfia do mar

rainha

aí estás
de rosto severo

impondo o machado
e trajada de vestes

soberana

no kinaxixi
da nossa kianda

aí estás
de rosto severo

resplandecendo
força e poder aos
seres e aos astros

João Melo*

* Aníbal João da Silva Melo nasceu em Luanda a 5 de Setembro de 1955. Obras publicadas: «Definição» (1985), «Fabulema» (1986), «Poemas Angolanos» (1989), «Tanto Amor» (1989), «Canção do Nosso Tempo» (1991), «Jornalismo e Política» (1991), «O Caçador de Nuvens» (1993), «Limites & Redundâncias» (1997), «Imitação de Sarte & Simone de Beauvoir» (1998), «Filhos da Pátria» (2001), «Luz Mínima» (2004) e «O Dia Em Que o Pato Donald Comeu Pela Primeira Vez a Margarida» (2006)

Diz Que Me Amas

Diz que me amas sussurras
imploras exiges
berras
com todas as vísceras
diz diz que
me amas quem sou o que sou
furas-me
o peito
com tuas unhas azuis
quem sou eu nada tudo tua
diz que me amas explodes
porquê porquê
quem és tu de que limbo
surgiste anjo contumaz
de que noite
atávica que flores
são estas
que irrompem de teus dedos
que pavor assoma aos
meus olhos quando
me amas diz
diz que me amas porque
me amas diz dizes xingas
e desfaleces
alegre &
triste pois
eu não tenho respostas prontas
eu apenas
te amo
pronto pronto.

Repouso

(tuas asas silentes levemente pousam
sobre meus olhos
e encobrem meus medos)

lá fora é a rua
há um grito de cal
estridente como uma buzina
e cabeças passam
esfaqueadas pelo sol

aqui – tuas asas
enormes e vaporosas
apaziguam o clima...

há uma guerra lá fora:
o nosso amor contra a guerra?
– sangue jovem de pé
pelo nosso amor

ah, tuas asas tranquilas me protegem:
deixei de escutar as bombas...

quando sair, amor
estarei mais forte para a batalha

Ela disse: beija o meu corpo com a tua poderosa língua, vibrante como uma canção, terrível como uma ciência antiga, espessa e doce como um pecado; captura suavemente os bicos túrgidos dos meus seios, como se fossem dois pequenos pássaros desesperados; ilumina a minha carne sombria com os teus dedos múltiplos e tenazes; abre o suplicante coração das minhas pernas, e, com o teu ombro duro como uma estátua de bronze, fá-lo deleitar-se até à completa exaustão do tempo.

Aproximo-me desta mulher líquida e intensa como se fosse um deus pecaminoso. Trémula e forte, a sua carne ardente espalha-se pelos meus olhos, pelo espaço vivo dos lençóis, pelas minhas mãos incomensuráveis. Decidido e vibrante, mergulho no coração voraz e aceso da morte. É então que a vida, gloriosa e magnífica, explode.

Dobro o teu corpo um quissange. Canções poderosas ascendem das tuas concavidades exauridas. Revela-se o mundo, como um milagre concreto, nas fronteiras trémulas da tua pele. Movo-me, com gestos perplexos e árduos, no âmbito deste círculo primário. A aceleração do sangue avisa-me da chegada dos pássaros.

Os odores do teu corpo embriagam-me. Os líquidos do teu corpo tornam-me resoluto. As luzes do teu corpo furam-me os olhos. Os espasmos do teu corpo desgastam-se cruelmente até ao meu próprio centro. Os gritos do teu corpo fazem-me em mil pedaços inúteis e estranhamente revigorados.

As cores do teu Corpo

As cores do teu corpo:
matizes selvagens rebentando nos meus olhos

As mil cores do teu corpo:
verde negro amarelo vermelho

Ah a festa doida das mãos
mergulhando nelas...

paixão

arde este sangue
na carne amorosa
dos amantes
e lambe língua
lenta
os lívidos corpos
sem cor

a marca do zorro

na pedra irregular do tempo
eis os sinais impolutos:

os primeiros pêlos
a agonia da primeira cópula

a primeira manga
o primeiro banho de mar

o primeiro filme do zorro
nas salas fantásticas da infância

Assim te amo

Chego condevagar no teu corpo
Bebo o maruvo adocicado dos lábios
Queimo os dedos na raiz da pele
Mergulho na noite luminosa do ventre
Como se quisesse romper
O invólucro do tempo que o protege

– e capto o teu grito terrível
Com a minha boca espantada

João Maimona

João Maimona nasceu no Uíje a 8 de Outubro de 1955. Obras publicadas: «Les Perdues de Cunene» (1985), «Trajectória Obliterada» (1985), Prémio Sagrada Esperança de 1984, «Traço de União» (1987), «As Abelhas do Dia» (1988), «Quando se Ouvir o Sino das Sementes» (1993), «Idade das Palavras» (1997), Prémio Sagrada Esperança de 1996, «No Útero da Noite» (2001), «Festa de Monarquia» (2001) e «Lugar e Origem da Beleza» (2003), «O Sentido do Regresso e a Alma do Barco» (2007).

Em sorriso

a noite estava em cio
do fundo da lua
cantava a mão da cidade.

nas lágrimas do fogo
nascia a cauda
de vozes anónimas.

e o parto gastava dor e sangue.

nasciam o braço do sol
a semântica verde do rio
o luto do dia virgem
em areias do caminho.

os caminhos se tornaram dias
e os pássaros
sonham em sorriso os dias.

As Muralhas da Noite

a mão ia para as costas da madrugada.
as mulheres estendiam as janelas d'alegria
nos ouvidos onde não se apagavam as alegrias.

entre os dentes do mar acendiam-se braços.

os dias namoravam sob a barba do espelho.
havia uma chuva de barcos enquanto o dia tossia.
e da chuva de barcos chegavam colções, camas,
cadeiras, manadas de estradas perdidas
onde cantavam solados de capacetesa
por pintar no coração da meia-noite.

eram barcos que guardavam as muralhas
da noite que a mão ouvia nas costas
da madrugada entre os dentes do mar

Eu visitei. As estradas do céu

quando se abrem os corredores do céu
atrevo-me a visitar os jardins do céu:

o céu perdeu o cacimbo mutilado
e guardou o tabaco no dilúvio do dia

esta tarde vão nascer crianças no poema da ilha
e a língua dos pombos vai agrafar as camas da cidade

as colinas morrem na cruz da missa natural
e o sétimo dia viaja para o mar falecido

os poetas repicaram versos no véu do vento
e o poema deixou de sonhar com a luz das rochas.

Quem (não) ofereceu ao céu jóias do verão?

Quando vejo as minhas pernas

quando canto os seios da velha mulher de prazer
em mim nasce a noite da palavra que não diz

despeço-me do rosto solar do oceano que diz
quando algo cresce em areias de meu corpo

pergunto a submemória das plantas
quando as plantas se rompem na cauda da luz

e quando as vacas olham o rosto do pastor
um bando de crianças estende as misérias do pastor

e assim saúdam as minhas mãos
os gritos cronológicos
dos seios da velha mulher de prazer.

lembro-me dos seios na noite do barco.

O poema da sentinela

a sentinela vinha. cruzava os pés à porta
do meu jardim.

a sentinela da porta
das portas do meu jardim vinha
à hora primitiva.

chegava. cuspi na minha relva
como para render homenagem
ao meu sangue. é tão fácil
fazer a retrospectiva!

a sentinela vinha. cruzava os pés à porta
do meu jardim. cuspi na minha relva
enumerava as portas do jardim.
perdido em declarações que acabavam
à porta das portas do jardim
não recordava os seus filhos. suas trevas.
seus caminhos

era o seu poema. a porta das portas do jardim.

Eu cantava as lágrimas

Para ti, rapariga sem nome,
cujos dedos atravessaram meu
muro com suas estrelas

fazia de teu rosto a semente,
o sol da carícia,
as palavras do dia cinzento.

de tua língua fazia a luz,
as folhas, as árvores
dos lugares que nos restam.

e do rio da pele
eu cantava a pele do coração.

cantava as lágrimas sólidas
nos olhos da noite onde
fingias dizer as noites onde
dizias não ser a raiz da estrada.

cantava as lágrimas antigas
que caíam no cesto dos sonhos
do dia que escondia o tempo
do dia que adivinhava os lugares.

e do rio da pele
eu tocava a pele do coração.

Palavras

no seio da mulher permanece o anunciado céu:
céu que é de novo horizontal poema.
nas pálpebras cabe o permanente lexema:
lexema que é indiferentemente estrela do ilhéu.
em minhas pálpebras acorda a madrugada.
sonho o que as minhas águas de novo dizem.
pinto as estações e nelas ponho uma pomba.
para amar as palavras da folhagem.

Dia de silêncio

Para Yvette
Pela sombra da sepultura

silêncio em lugares altos entre
escritos disformes. partículas
húmidas retomam as cores
das sílabas de alternância.

o meu silêncio murmurava
sinais de regeneração e lâmpadas
contorcidas de incêndio.

areia dilacerada: até a reconhecida
água desatava as lembranças
dos barcos indeferidos.

afinal o poema da cigarra vigiava
as lanternas da sendo abolida. a
confissão do dia também respirava
idêntico monólogo. dia de silêncio:
meu corpo era apenas uma sobra febril.

Noites de passagem

Para Paulina Fernandes

as noites que me saudavam
apenas diziam a memória
da presença frágil do tempo.

a ternura espalhava a sequência
milenária: atravessava a sequência
da iluminação a escultura
mais bonita da eterna linguagem.

as fotografias do século oferecem
o silêncio trágico da antiguidade:
esperava risos que pudessem autenticar
a visível passagem dos pássaros.

Noite de Inventário

Vila Verde . vejo o meu cavalo
recolher as lágrimas da solidão.
a sombra da cidade procura
divertir-se entre janelas serenas
e imensas melodias consequentes.

Noite arrendável entre esperma
e seios incansáveis. aproxima-se
um dilúvio de olhar. pela primeira
vez o ovário alegre se põe a
inventar beijos entrecortados.
nas diluídas frases intermináveis
do mar encontro a colina que
Concebemos . visível o seu chão
entre as abelhas que saúdam
o teu corpo e o sol legível.
imensa a noite esqueceu o seu
passado. o dia ignorava o
desfecho do percurso das sílabas.
e janelas anónimas governavam
interditas cortinas instantâneas

João Tala*

* João Tala nasceu em Malanje a 19 de Dezembro de 1959. Obras publicadas: «O Gasto da Semente» (2000), Prémio Literário Sagrada Esperança, «Lugar Assim» (2004), «Os Dias e os Tumultos» (2004), Grande Prémio de Ficção da UEA de 2004, «A Victória é Uma Ilusão de Filósofos e de Loucos» (2005), Grande Prémio de Poesia de 2005 e «Surreambulando» (2005).

Ela Arde

os sonhos ardem e tornam-se vivo;
vivos os nervos entre as gotas do incêndio.
– ela arde e transpira os comícios à beira do leite.
virei beber o lume do seu corpo suado;
virei porque o amor arde de febre e não tem cura;
virei porque ela chora de branco apeada sobre a
própria noite. e vejo o seu corpo renovado.

O Paraíso Nós o Perdemos em Busca do Corpo

Dos teus medos desliza a serpente nativa
esta se ausenta dos nossos murmúrios
e o seu rasto cega-nos.

Nesse pasto cheguei depois de ti
e já o mundo perdido, amava.
Canções do corpo suspiravam
de atentos tambores urdidos no esquecimento.

Os frutos insaciáveis repartidos em nós
e o hino húmido de palavras que nos excitam
são palavras desafortunadas,
comemo-las fenecemos.

O paraíso era apenas uma ideia
que ainda nos deixa de bocas aguadas.
Por agora busque-me, contigo moverei
a serpente nativa.

Esculpindo a Mulher

Escritos os sonhos temos das mulheres
a locomoção do parto.
Tanta vida se arrasta quando elas namoram
e cantam a humidade,
a opulência do orvalho.
Com as mãos na terra fixam o útero
até fazer-se contas ao corpo com
os versos húmidos que são como orvalhos.
Eis uma estrutura de sonho:
o corpo da mulher e seus peitos livre
onde dois mamilos encarnados sejam
duas belas nascentes que manhãzinha
espremam dois vivos remansos
de leite fresco

para as bocas ardentes dos monas

a tradução do amor

É um compêndio o amor caminho de muitas coisas.
Tem coisas novas e outras tão velhas
como são os ventres de raparigas aos estertores;
como o amor de Neto e os suspiros de Eugénia.

Rimas perdidas – não mais a casa da Rima
onde escolhesse uma embriaguez e matutasse
às cores do *divume*. Sobre esta pedra que
não para de pensar porque estou sentado nela
e ela me tem como a um esposo, sobre esta pedra
concluo a noite.

O amor é a nocturnidade é um compêndio solto.
Qualquer que seja a página que rasgue da noite,
o amor sangrará.
Este é longo caminho e metade de mim mesmo.
“Sabes o que é o amor?”
Quem responderá quem fortalece sua própria insónia?
Todo este tempo que amei é uma insónia.

e as pupilas ardem

o mínimo que posso pronunciar é uma palavra pontilhada, um grão. Talvez uma pupila que ninguém abriu. Sedento de enigmas configura-me rosto de estio, esta secura ajusta-se às minhas palavras através desta face enchida de olhos veementes em sinal de fogo. o fogo posto na carne

Palavras do lugar

Diante dos espelhos um marinheiros alista-se É
o homem das minhas ideias: meu ego povoa
a fonte de água inteira um mar em seus espelhos
Lúcidos amanhar no retorno à palavras,
a boca destroça quantos gritos se ouvem das mãos;
a boca enche o seu momento um cântaro iluminado;
a boca estreita – em meus braços cantando-me o CORPO.
E coisas de nada, a abreviatura dos recintos: aqui/ali

Jofre Rocha*

* Jofre Rocha, pseudónimo de Roberto António Victor Francisco de Almeida, nasceu no Bengo a 5 de Fevereiro de 1941. Obras publicadas: «Tempo de Cio» (1973), «Estórias do Musseque» (1979), «Assim se Fez Madrugada» (1977), «Estórias de Kapangombr» (1978), «Crónicas de Ontem e de Sempre» (1984), «Estória Completa» (1985), «60 Canções de Amor e Luta» (1985) e «Meu Nome é Moisés Mulambo» (2003).

Poema

As pétalas dos teus lábios
são oásis de ternura
onde guardas mil doçuras.

Tuas mãos de delícia,
algemas meigas de amor
em meu rosto tecendo carícias.

E o teu sorriso belo
na noite do meu destino,
faz-me viver o que sonho.

Madrigal

dizer
que teu nome esconde
o vulcão onde morrem
nossos desejos
e amadurece
o doce fruto desta paixão

dizer
que nascemos e morremos
no lume brando
da nossa própria ternura

poema do amor derradeiro

vinhas bela
esplendorosa
como flor nascida no novo ano

ofertei-te uma rosa
e seu perfume incontido:
levaste a flor
e em troca deixaste um espinho
cravado em meu coração

Invenção

Inventei-te
qual miragem nascida
em horizonte de sonho

teu corpo modeliei-o
linha a linha
curva a curva
mulher do futuro em tempo presente

na ânsia dos dias
vivemos o sonho conjunto
que perdura
e não morre

o sonho ganhou asa
venceu o mundo
e permanece:

é o amor.

Dá-me O Luar

dá-me o luar
e toda a verdade
enquanto minhas mãos percorrem
o mapa do teu corpo
e minha língua impaciente
freme em tua boca

dá-me apenas o luar
e a lembrança que não morre
até seres capaz de saciar
a sede e a fome que me devoram

dá-me o luar
e toda a verdade
para contigo ficar
eternamente

Sonho, Logo Existo

Ninguém pode convencer-me de que estou morto. Ainda sinto crescer na raiz dos meus cabelos a emoção de ver-te. Ainda posso escutar o timbre cálido da tua voz, na catedral do mais puro silêncio. Ainda posso inebriar-me com o perfume da rosa do teu sexo, na maré alta do desejo.

Ninguém pode convencer-me de que já não existo. A seiva morna que me inunda as veias é uma bandeira- clorofila de esperança, sempre ativa contra ventos e marés. E cada dia que passa empresta novo sabor à nossa descoberta antiga, sela o universo de fantasia que juntos arquitectámos, longe da hora triste do desencanto.

Por isso, ninguém pode convencer-me de que estou morto. Ainda continuo a sonhar e a acreditar. Ainda posso falar-te intimamente, em segredo, para sempre afugentado o fantasma do ciúme e da desconfiança.

Ainda sei transmitir-te certeza, ressuscitar o fogo antigo dos teus olhos e, pela madrugada fora, reavivar o lume adormecido da nossa paixão.

Jorge Macedo

Jorge Macedo nasceu em Malanje a 14 de Outubro de 1941. Obras publicadas: «Iterembu» (1963), «As Mulheres» (1970), «O Pai Ramos» (1971), «Irmã Humanidade» (1973), «Gente do Meu Beirro» (1977), «Clima do Povo» (1977), «Voz de Tambarino» (1989), «Literatura Angolana e Texto Literário» (1989), «Poéticas na Literatura Angolana» (1989), «Sobre o Ngola Ritmos» (1989), «O Livro das Batalhas» (1993), «O Menino Com Olhos de Bimba» (1999), «Ternura de Olhos Verbais» (2004), «Apontamentos Históricos 1979-2000» (2004) e «As Aventuras de Jójó na Aprendizagem da Língua» (2004), «O Livro das Batalhas» (Reedição; 2006), «Poesia Pura» (2006).

Poemas para Minguita

ao Arnaldo Santos

1

Hoje que não vieste
meu mundo deixou
de ser mundo...

Hoje não vieste
e logo faltou,
ao meu calor sufocante,
a doce sombra
dos teus cabelos.

Sem tua saia encarnada,
sem tua blusa azul
e teu sorriso branco
a Rua do meu sonho
é um mundo desalmado.

2

Seja nativa
ou postiça
a lindeza que Ela usa.

De peruca frondosa,
lábios pintados
e sobrancelhas compradas,
Mínguita é minha Musa.

Nair98

Desenho-te no luar
do mês saudoso de Agosto
sorrindo p'ra me encantar
com a magia do teu rosto

Em ti me vou repartir
nos rasgos da tua face
assim talvez alcançasse
o que pretendo, Nair

De resto quem não alcança
qualquer coisa do seu gosto
sofrerá a dor da «Esperança»
magoada da luz de Agosto.

No Templo Da Expectativa

Roídos os joelhos ao amor rezando

excedidos os mares de olhos esmagados
pela busca montanhosa do abraço

o amor atirou-se contra rochedos
e só assim apareceram enroizados olhos infindos lindos
afectivas as batalhas

O Mar Dorme

e os anseios
tornam-se ondas
de devaneios

Enclausurado
o cais
à liberdade

ninguém
pode partir
para longe
da angústia

que se quer despir

Pátria

que forjo
a suor e sangue
e é a amada
que não logro
tornar real
invencível,
Pátria, imortal
indemolível,
minha mãe, minha amada
estende o território seguro disponível
em teu transparente e puro olhar por mim,
para que, vitorioso, eu seja

o que tardas ser.

Entre Ele E Ela

rugem naufrágios
de abraços emarujados
por terem perdido
o coração de passarinho
domador de ventos contrários

o qual esvoaçando de susto
sumiu para o interior das nuvens
levando no azulado voo
o doirado murmúrio dos relentos

A Dora Adoira

A alma moura dos seus cabelos ledos
tesouro lato
que lhe amoura
o fácies indizível da beldade
que quer

alinhando filigranas
de gestos endeusados
ela avulta
infindáveis jazidas
de indizíveis paraísos

Tu És

a água límpida dos olhos com que as manhãs
das pombas regressam ao sorriso renovado das
neblinas. Não fosse a mão estendida da
ternura de teus olhos verbais os passarinhos
morreriam por não terem onde
beber o afecto que dá voz aos seus
chilreios cósmicos

José Luís Mendonça

José Luís Mendonça nasceu no Kwanza Norte a 24 de Novembro de 1955. Obras publicadas: «Chuva Novembrina» (1981), Prémio Sagrada Esperança, «Gíria de Cacimbo» (1986), «Respirar as Mãos na Pedra» (1988), Grande Prémio Sonangol de Literatura, «Quero Acordar a Alva» (1997), Prémio de Literatura Sagrada Esperança – 1996 ex-aequo, «Se a Água Falasse» Prémio de Literatura do Caxinde – 1997, «Lograrítimos da Alma» (1998), «Gramática do Amor Contemporâneo» (2002), «Ngoma do Negro Metal» (2000), «Cal e Grafia» (2004) e «Nua Maresia» (2005), obra que faz parte dos cinco livros mais votados do Grande Prémio de Poesia da UEA 2006.

A Resina Mais Branca Do Silêncio

Recebe estas madeiras de verão
marcadas com o teu nome e a resina
mais branca do silêncio.

Trouxe-as das fontes da manhã
de ouvir os grilos forjar a fogo lento
a canção andorinha dos teus passos
como se foras uma véspera de chuva
rente ao chão da língua.

Nelas naufragam palavras
incendiadas de gaivotas púrpuras
como a cal do meio dia.
O seu voo risca os lábios do tempo
com um rumor de ilhas
atravessado nas amígdalas.

Com elas construí este dongo
e naveguei o insólito
oceano de seres fêmea.
À deriva nos teus braços
consumi as rotas das baleias extintas.
A cartilagem de sal dos naufrágios.
A cisma das tartarugas
a desovar eternas migrações
nas catedrais de areia.

À tona dos meus olhos
o ciúme das kiandas paria
medusas de uma cor rara.

A cada mês a pedra angular da noite
escorria um fio de sangue
perfurando memórias assinaladas
sobre mapas de tesouros.
Sobrevivi bebendo o teu nome
ferido em cada tábuca do convés.

Hoje ponho pé nesta cidade
que os mortos desocuparam.
As suas sombras estendidas
no corrimão das escadas
limpam o salitre e os búzios
acumulados nos meus dedos.

O espírito que me entrega as sete chaves do poema
senta-se agora à porta dos teus dias
e eu entro em tua casa com metáforas
de sol na garganta e abro mão
da resina mais branca do silêncio.

O Fruto Das Palavras

Um hálito de pedra. É o que és
neste inventário de invenção.
Um rio que não dorme talvez o verão
de um fruto visitado pelos dentes da palavra.

Ébrio de vento como um barco no deserto
acendi a rã adormecida no teu ventre
e o gume do meu canto escorre
o sangue ainda quente de tu seres
a fêmea do dia que me ocupa.

O fruto das palavras. É o que és
neste inventário de invenção. Quem sabe
o verão de um rio
visitado pelo hálito da pedra que não dorme.

Pássaro Submerso

Peça a peça ponho a funcionar
a máquina de fabricar o canto vivo
de um pássaro submerso
entre as areias movediças
do teu sexo e com esse canto acendo
o filamento quase de vidro
entre as cuecas cor de prata que hoje trazes:
és como a lâmpada quando funde:
deixas uma lágrima cor de cinza clara
sobre a branca passividade do sofá.

Garina Minha

Garina minha, tocaste os meus anjos.
Com os teus seios de pomba. Com o teu leque de frutos
ferindo o lume encantado das marés.

Com os teus lábios de makiezu.
Com o teu riso plantando árvores
de uma candengue transparência.

Garina minha, tocaste os meus anjos.
Como um país que se abeira pelos brincos.
Ou o cheiro de um insecto nacarado.

Tocaste-me, garina.
Como pólen ferido
pela vocação do marimbondo.

Como um *iceberg* aceso. Como se foras
uma península de saliva
modelaste o barro das palavras.

Soneto

Quando o verão dos teus seios
belisca de leve os meus lábios
os teus olhos negros estalam
um despertar de pérolas

que o poema limpa de areias
de líquens e algas já secas
até o seu brilho extinguir
o medo do fim do mundo.

Sem dizer uma palavra
a minha língua transforma
em armadilhas de amor

a álgebra desse instante
aprendendo como os pássaros
se amam em pleno voo.

O Que Diria Einstein?

Sempre encontro entre as salinas do teu corpo
o sabor agridoce da gajaja.
Dentes, boca e olhos se altercam
pelo caroço que se esconde sob a pele
desse sol minúsculo a formar-se
por entre a salsugem dos teus grandes lábios.
Mesmo depois do big-bang esse buraco negro
é sempre o osso mais duro de roer.
O que diria Einstein dessa inversão
do início do uni(verso)?

Sem Palavras

Sem palavras
a minha língua é mar
e posa entre as pétalas
da flor que há no teu monte
de Vénus como lhe chamam
os livros de biologia.

Sem palavras
é mais chique a tua água
enchendo a ânfora aberta
entre as maçãs do meu rosto
como lhes chama a ciência
dos livros de biologia.

Sem palavras
as minhas maçãs no teu monte
criam na natureza
o pomar de uma ciência
que só encontra sentido
nos livros de poesia.

A Primeira Pedra

Amar-te-ei sobre a história cálida
de um reino passado
a fio de espada cristã-ocidental.

Amar-te-ei na Mutamba ao meio-dia
e o povo que passa com a imensa dor pública
aos ombros atira a primeira pedra.

Dongos

Mulher pequena, descobres no sal
dos meus ombros o suave gotejar
dos mitos incinerados na batalha de Ambuíla
com a sua longa sede de dongos submersos.

Dingos? Sim, dongos é o que crias
sobre a pele dos séculos nunca ressequida
de dizer sou povo.

À luz dessa janela vista assim de um ângulo rente ao chão
te amo outra vez olhando a copa dos mamoeiros no auge do
verão.

O sol é o mesmo cão rafeiro castanho muito claro com
manchas brancas no pescoço
comendo as sua lata o tutano das promessas.

E eu vi-te desceres do céu. E a terra tremeu.

12.

na parede de trás do coração, na parede mais alta e azul, o sangue
alastra em órbitas de ansiedade. dou comigo a pilotar uma
crueldade felina capaz de provocar a queda dos aviões. porque
também eu fui terrorista dentro das tuas portas: garimpei
diamantes de sangue nas ravinas do teu corpo.

mais que o raio de luz possui o próprio sol. mais que o rio a
própria água.

*o teu tornozelo plasma toda a arquitectura da terra. tudo o mais
tem limites.*

Kudijimbe

Nicolau Sebastião da Conceição nasceu no Bengo a 15 de Outubro de 1955. Obras Publicadas: «O Fardado» (1987), «Fogo na Kangica» (1988), «António Jacinto e os Guerrilheiros» (2003), «No Amanhecer da Curva» (2003), «Pedaços de Areia» (2006) e «A Morte da Noite» (2006).

Mocinha

Relembrando Man-Ré

Traço Marco no olhar popular
Da minha gente
Que retrata kibeba da terra
Com olhar paciente
Da kilumba que espelha
Kitumba
Pelos caminhos dolorosos da mulumba

Traço Julho
Nos cabelos ondulados da mocinha
Que retrata desejos longínquos
Na mente do tempo

Perfumando seios adocicados
No alguidar selectivo da kitaba

Traço universo no olhar das lambulas
Com muzumbus frutuozos da kissenga
Lembrando avó Chica
Desaparecida na noite da kibeba
E dos falares da kitaba que vinham do Moreira
Com kazumbis da lagoa
Os dias relampejam

Nossa raiva reclama longe da verdade
Nossos ouvidos ficaram cansados de esperarem
Mas a vida continua
Com a força do dia que Deus nos deu.

Kinda

Para esperança dombaxe

Minha kinda veio da Muxima
Trazia caldo grávido na consciência
Barrada de areia molhada
Trazia céu aberto na boca do seu
Remexia desperdício, cantava
Logaritmo mostrando zumbido
No olhar da garina que dança varina

Minha kinda de algodão
Ainda cheia de paixão irreduzível,
Reflectia paciência na existência
Borrada de areia molhada
Areia da vida que dá vida

E rebola, rebola como pulga
Como ninguém
No amor longínquo
Das areias molhadas.

Ao entardecer nossas abelhas

Procuram esperança irreduzível
Que circula no além do além
Circunscrito na lembrança
Que ficou gente com andança
Vergastada no tanque de roupa suja
E suas areias foram levadas
Pelas correntezas do cuanza
Com olhar irrefutável da sua proveniência

Kilumba I

A luz do candeeiro criou em mim
O desejo de procurar-te
Pelos caminhos distantes da vida

Falar-te do amor-dos-homens
E dos reбуçados que outrora chupamos
No reboição da semente que amamos

A vida ensinou-nos
Outras coisas
Que já não interessam balbuciar
Por causa dos ventos que rompem por Angola
Queremos reconciliação. Reencontro de ideias
Para determinar nossa felicidade
Que renasce dia após dia
E nos dá força para reconstruirmos a terra
Dos nossos antepassados
E falarmos da maxanana e miengeleka
Trazida pelo vento dos pardais

Na época das chuvas ficarei firme
Para ouvir a voz do tambarino
A voz dos pássaros
E reviver a sentença da liberdade
Para dignificar Angola.Xietu.
E impedir a queda dos mangololos
Da lua nova
Que choram pelo reencontro de novas sementes

Água da Sanga I

Revejo-te na água da sanga
Com olhar puritano
Riscando momentos adocicados
Da estrutura corporal
Que amanhece na kitanda da vida
Ainda és minha
Porque consigo ver tua imagem
Reflectida na água da sanga
Na água da vida
E farfalhar tuas chuchas fofinhas
Que me dão prazer de viver
No lamaçal da vida
E proteger olhares estranhos
Daqueles que não te conhecem
E gostariam beber á água da sanga
E saciar a manga da tua pureza
No olhar dos olhos que não se cansam
De contar a estória de pai e mãe
A gente do bairro. Do nosso bairro
Que fazia parte da dinastia
Da nossa infância
Nos momentos de toma lá
Que ainda conserva
O perfume menstrual
Na estrutura corporal das tuas ancas

Seios Rasgados

Para gonguita, minha paixão de brincadeira

I

No peito... estão
Seios rasgados
Fazendo assobios
Com novas vitórias

II

Com novas vitórias
Estão missangas bonitas
Seduzindo imbomdeiros malandros

III

E
Se confundem
Com galinha cabiri
No atlântico sul
Da minha mocidade

Temperos da Vida

Na paternidade da maternidade
Há uma ejaculação de trapo
Diluindo borrada frita
Que mexe paixão secular
E negociar temperos da vida
Da minha existência

Agora já nada existe mesmo
Senão gingongos que planto
No interior do nosso amor
Kafumbado pela idade da pedra

Meu desejo é silenciar
Maternidade da pedra
E fazer eternidade na areia
Relembrar Simão- disse - cabelauí
Que fazia nossa gente
Soletrar morango na hora da tabuada
Ejaculando trapo
Com olhar molecular

O passado passou de leve
Devagarinho com neve
No cobertor mansinho
Duma noite sem papo
Falando com muita pompa
Duma maternidade sem eternidade
Com olhar da sua gente.

Lopito Feijoó*

*Lopito Feijoó, pseudónimo de João André da Silva Feijoó Katetebula nasceu em Luanda a 29 de Setembro de 1963. Obras publicadas: «Doutrina» (1987), «Meditando» (1987), «Rosa Cor-de-Rosa» (1987), «Cartas de Amor» (1990) e «Meditando – Texto de Reflexão Geral» (1994), «O Brilho do Bronze» (2006).

É tão maduro
o veludo da pele parceira

surpreendente
cristal fino e puro

independente
acontece quase sempre

feito mar aguado
corpo despido

vermelho e teso
beijo de tanto prazer concentrado!

1

Sua sombra nua
Lua pouca boca
Meia culpa meia Lua.

Rosa cor de rosa

Jura

Liberta

De tanto ardor

Pura coberta

De tanto amor

Tanto. Tanto mar

Mais teu ser fluorescente!

Louca e Brava

Sobre a boca dos deuses na avenida
paulatinamente louca e entre aberta
semear existência ardente

Na esteira dos Korás Kwanhamas
entoar sérias canções de amor
na graça abundante e universal
por aí fora navegar nos deleites
da carne do esperma quando já no céu
dos céus de todas as belezas

Contemplar assim famosa viragem
nas colinas delituosas da tua soberana
vagina sempre erecta

Manuel Rui

· Manuel Rui Alves Monteiro nasceu no Huambo a 4 de Novembro de 1941. Obras Publicadas: «Poesia Sem Notícia» (1967), «A Onda» (1973), «Regresso Adiado», (1973), «11 Poemas em Novembro. Ano Um» (1976), «Sim, Camarada» (1977), «11 Poemas em Novembro. Ano Dois» (1977), «A Caixa» (1977), «11 Poemas em Novembro. Ano três» (1978), «Agricultura» (1978), «11 Poemas em Novembro. Ano Quatro» (1979), «Cinco Dias Depois da Independência» (1979), «Memória do Mar» (1980), «11 Poemas em Novembro. Ano Seis» (1981), «Quem me Dera Ser Onda» (1982), «11 Poemas em Novembro. Ano Sete» (1984), «Cinco Vezes Onze Poemas em Novembro» (1985), «11 Poemas em Novembro. Ano Oito» (1988), «Crónicas de Um Mujimbo» (1989), «1 Morto & os Vivos» (1992), «Rioseco» (1997), «Da Palma da Mão» (1998), «Assalto» (1998), «Saxofone e Metáforas» (2001), «Nos Brilhos» (2002), «Um Anel na Areia» (2002), «Conchas e Búzios» (2003), «Maninha» (2003), «O Manequim e o Piano» (2005) e «Ombela» (2007).

2 poemas para o meu amor burguês

1

Sorri!

Lírio desfeito

Puro

e tetricamente branco

sorri à teimosia de quebrar

esse teu jeito

de ser...por aceitar!

Sorri às arestas de amizade que ficaram

sorri e vem

foge para encontrares

as flores vermelhas que te prometi

e não te dei para que possas sorrir essa felicidade hermética

e tetricamente branca

infelizmente alegre

sorri, sorri, sorri...

e vem comigo procurar

corolas

vermelhas

pisadas

de orvalho correndo

em tom de chorar

2

Escrevo para ti um cântico diferente e é bom
que a distração dos pássaros não oiça
por não lhes falar do escarnecer da guerra
que ela sempre desenhou no espaço para mim
Mas canto e podem-me chamar um poeta
fracassado Que importa Dispo a espuma
das ondas frustradas em abortos de mim
que são os poemas que conheces
e então?
Que dirás que faça
que achas que seja?
Um poeta...um autêntico poeta.

Ah! alguém foi feliz e disse
só os poetas saberem decifrar de amor
Concordo e sou um demagogo embandeirado
por empregar as minhas mãos com todos os meus dedos
no desmanchar de teus cabelos
e na egoísta invulnerabilidade triangular de tuas coxas
arredondando-te os seios com a boca...

Porque há o nosso amor livremente
fechado e não pode
ser contemplado nem por todas
as rosas ou acácias que eu te afirmei
não murcharem Ou interrompido
pelo conspirador silencioso barulho da chuva.

Há o nosso amor e nós
próprios descobrindo
possuindo a incógnita que se espalha
lá fora – na passagem dos comboios

barulho de aviões ou em baixo
num cortejo fúnebre – também
num corredor de maternidade
lá fora terás medo – em tudo
a vida procura-se na morte e aqui
estamos nós – certeza eternamente multiplicada
o amor – pelos poetas
aqui estendo os braços e canto hoje
poesia livre
e por não cantar a liberdade
eu sou o teu poeta.

Trazias Tanto Mar Na Pele Dos Dedos

Trazias tanto mar na pele dos dedos
onde o teu corpo é sempre o meu princípio
de nunca querer chegar
ao fim a voz da vaga
quantas vezes te disse e te cantei?
Quantas vezes sal de pôr na boca
Quantas vezes concha seios de maré
búzio de carne
um leito de água no teu ventre
de marulhado espasmo musical?

E quando a água aquecia nossa fúria
quantas vezes sentimos que o mar era tudo
e os olhos queriam mais no meio dos ruídos casuarínos
um ximbicar nas coisas sem limite.

Mas põe o nosso corpo nestas dunas
de sol plano e todo destapado
alimentando o lago da miragem
que se descobre na esquina onde só era
o nu da luz na escassez de arbustos
de um pouco-a-pouco deste ar sopro quente
que a nossa boca expira para a boca
e nossos olhos prolongam para sul.

Aqui pressinto o que faltava quase
ao nosso mar
para que fosse a imensidão
mais simples mais essencial.
Ouve-me então nesta coragem de planta
Erecta em solidão da tua ausência
Depois que trouxeste tanto mar na pele dos dedos.

Amor

Assim de espuma e sal teu corpo a navegar
num meio-dia a onda e sol liberto
na conseguida fúria de estar perto
dia após dia para lá do mar.

Assim nossa conquista de criar
na incerteza o que fazemos certo
um sol todos os dias mais desperto
dia após dia para lá do mar.

Assim na fúria de saber amar
Palavras poucas de um viver inquieto
Nas noites esquecidas de luar.

Assim como uma onda sempre a transformar
o amanhã numa manhã de afecto
dia após dia para lá do mar.

Amor Desta Manhã

Repara meu amor desta manhã
que foi o nosso amor por este dia
quem nos descobriu amando
os nossos corpos com esta manhã.

Então
descobre-me uma pétala de rosa
num quintal sem grades
ou sem muros altos
para deixar sobre ela
duas lágrimas por amor escondidas
em Novembros novos.

Não esqueças meu amor desta manhã:
se pelas duas lágrimas choradas
acaso por amor a pétala murchar
devolve à rosa a pétala arrancada.

P.S. peço que faças isto
ainda esta manhã.

Insónia

Teu rosto as linhas de um perfil distante
em pálpebras de fugaz serenidade
talvez sonhando o sonho que é saudade
longe de tudo e do vazio que é constante.

Teu corpo abandonada curva navegante
na adormecida tristeza que é verdade
enquanto um braço teu aponta prá cidade
num gesto de infeliz comediante.

E enquanto nesta insónia eu sou amante
mesmo da ruga que adivinha a nova idade
respiro o teu sonho e hesitante

à proa do teu seio sempre novidade
entrego minha boca delirante
E é quase um crime trazer-te à realidade.

Apenas*

Meu amor
Rosa de espuma
Meu som de voar
Sem pluma
Minha mensagem
Quanto tempo
Teu olhar
Uma viagem
Para o outro lado
De não ser
Talvez e desse lado
As vozes sejam tantas
Nuas
Que o infinito
Por não existir
Adormeça insone
em nossas mãos.

(Inédito)

4ª PALAVRA

Elilimilambela (1) sou eu. A fazer tremer o céu com o barulho que ninguém vê esse feitiço que só eu tenho e nunca houve trovão que não fosse da minha fala sem dizer abecedariamente eu sou eu *ombela* (2) *ombelela* (3) da boca. Da boca das árvores vaidosas de espelho nos rios a andarem mudança com a minha marimba cabaças nos ouvidos alegres do meu silêncio a escutarem a minha própria voz mesmo depois do *ondombo* (4) fico no eco quando o capim começa a secar e a lenha se queima sem pressa e se come o que se guardou mesmo nesse sem mim de cacimbo tudo. Tudo o que se faz é meu pensamento tudo é a pensar em *ombela ochituto!* (5) Eu é que abro tudo e o vento é que pode ser calado e falar quando eu quiser porque eu dou banho ao vento todo nu com as minhas mãos de mulher conheço o corpo todo do vento e sua intimidade e autorizo a dança das formigas e a força das pedras. Eu *ombela* não venho dos caminhos da terra. Sou eu própria mulher irmã e amiga das sementes que andam na minha vida de mulher do céu. Eu. *Ombelela ombela* da boca. Sou eu própria chuva fêmea. Uma boca de beijo. Meu marido céu que desengravido.

(*Inédito*)

1- chuva acompanhada de trovão; 2- chuva; 3- conduto que acompanha o pirão; 4- época das chuvas; 5- ameaça de chuva

5ª PALAVRA

Inclino o tempo para repararem em mim diferente *apengu* (1) e é um sentido de indicar meus passos fita métrica de medir o espaço perto seco e perto molhado na inclinação da pedra onde adormece a insónia dos canhangulos da invasão da morte sem terem conseguido me matar Oh! *Fundanga*(2) carvão e sal nos canos canhangulos que eu apaguei de sopra tanto tantas vezes até agora sem me cansar estou a chover *ombela onjule* (3) contem só cada gota contem as minhas gotas para que eu possa cair sempre e nunca um dia a morte mate a palavra. A palavra sou eu. A Chuva. Vagina de água. Útero matinal parindo estrela sou eu! A Chuva! Maria do céu.

Lição para não perderem o sangue por esquecimento da água contem as gotas que eu não quero morrer de cansaço de vos ver morrer em guerras desse esquecimento com canhões a guardarem a água na tristeza de um cacimbo sem fim. Eu sou *ombela* e quero encher os rios que outros já andam a secar no castigo dos que vieram matar o nosso Soba Huambo bebendo da minha água mesmo assim não envenenem a água guardem quando eu chover não entornem à toa os rios ofereçam de beber aos viajantes e mesmo àqueles que naquela hora antiga nos invadiram e se agora viverem em seca que venham beber da nossa água que eu a Chuva nunca alimentei ódio na boca da sede. Bebam da nossa água semeando dela para que não pare um coração de mulher. Eu sou a mulher que me dispo de água para fazer amor com o céu azul do orgasmo impetuosamente verde. Eu sou a Chuva!

(Inédito)

1- chuva breve que cai oblíqua; 2- pólvora; 3- chuva em abundância

6ª PALAVRA

Ochisusumo (1) sou eu *olume* (2) doce e elegante nos ouvidos das crianças recolhidas à noite ou caminhando de dia à procura dos tortulhos grandes que parecem guarda chuvas da abundância *Onjule* que eu divido mas também a água miudinha que cai sem assustar e pode ficar muitos dias a lavar a sede das cabaças e é com essa água muito fresca e simples que eu melhor me transformo em *qissangua* embebada no *mbundi* (3). Eu sou *ombela* das pétalas das flores do mel e dos loengos que perfumam os seios das raparigas antes da iniciação. Eu sou a chuva que ninguém inventou. Eu própria *ombela* que me descobri no tempo de *ondombo* (4) sou eu mesmo que me inventei a mim própria deusa despida amigada no céu aquela que anda sem roupa e é vista pelos cegos eu toda nua no som com muita música que me tocam nos quissanjes sou a melhor mulher mais fêmea que posso beijar tudo. O corpo todo do céu já beijei e beijo o corpo todo da cabeça aos pés do céu. O corpo todo da terra já beijei da cabeça aos pés da terra no orgasmo completo e simultâneo do trovão e fâisca. Eu sou assim uma mulher que ama o amor da vida em água sem limite e sem morte. Sou mesmo a chuva.

(Inédito)

1- chuva fina; 2- chuva fina; 3- raiz para fermentar a bebida (*quissangua*); 4- época das chuvas

Maria Eugénia Neto*

* Maria Eugénia Neto nasceu a 8 de Março de 1934. Obras publicadas: «E Nas Florestas os Bichos Falaram...» (1977), Prémio de Honra da Comissão da RDA para a UNESCO na exposição Os Mais Belos Livros do Mundo – Leipzig, «Foi Esperança e Foi Certeza» (1979), «O Vaticínio da Kianda na Piroga do Tempo» (1985), «Este é o Canto» (1989), «A Formação de Uma Estrela e Outras Histórias na Terra» (1979), «O Soar dos Quissanges» (2001) e a «Trepadeira que queria ver o céu azul e outras histórias» (2006); Reedição.

Eternamente

Vai meu grito
e leva este amor
que foi mais do que matéria
traduzido em emoções

Vai
vai pelos espaços
não te percas nas distâncias
siderais

Vai
oh vida!
sopro estranho que te diluis
perante nossos olhos impotentes

Que lei é esta –
espiral de princípios e fins
universos que terminam? ...

Vem
vem amor
não aceites entrar
na mecânica celeste

Espera
não partas para um recomeço
em que eu esteja ausente
queres perder-te de mim?

Regressa
regressa e afaga-me os cabelos
espero as tuas mãos
eternamente.

E na noite...

As águas vieram fosforescentes
e as flores ao longo da espuma
eram teus braços como lírios brancos
que me buscavam à deriva

Aqui estou esperando-te
ó amor inebriante
em cada aurora
e em cada noite

Em cada agitar de folhas
na correnteza dos oceanos
e na placidez dos lagos

Sou chama, sou candura
repousa a tua mão amada
em meu regaço e deixa as minhas
em teus braços fazer ninho.

As tuas mãos amadas

Amor
sustentaram-se as imagens
o meu cérebro
é cansaço em neblina
o meu pranto
oh! o meu pranto inunda
as tuas mãos amadas
mesmo se ausentes
não mais
não mais
eco ininterrupto
que se afirma
em todos os instantes!

Paisagem

Amor
a terra abre-se
em curvas de oval
a insinuar calotas
ao fundo
o rio cantando
a canção eterna
de ser água.

Tudo verde
as chuvas
ressuscitaram as sementes
e à vista
é uma orgia de esperança.

Estendo as mãos
a querer tocar a seiva
e o verde e o amarelo e o azul
da erva e das flores
correm nas veias
palpitantes
cintilantes
ao sonho do olhar.

Meu amor
tudo isto é teu.

Ânsia

Os olhos sem encantamento
sendo um mar imenso
fixam-se num ponto
irreal
num plano inexistente
algures na mente.

A ânsia
profunda e dolorosa
é a vertente arenosa
da realidade
a ausência
pesando mil mundos.

Como queria
afagar as tuas mãos
poisá-las em meus cabelos
beijar os dedos
libertar as mãos
libertar os gestos.

Paula Tavares*

* Ana Paula Ribeiro Tavares nasceu na Huíla a 30 de Outubro de 1952. Obras publicadas: «Ritos de Passagem» (1985), «O Sangue da Buganvília» (1998), «O Lago da Lua» (1999) e «Dizes-me Coisas Amargas Como os Frutos» (2001) e «Ex-Votos» (2003), «A Cabeça de Salomé» (2004) e «Manual Para Amantes Desesperados» (2007).

Estou selada na ilha do meu corpo
Deito-me no chão
A terra fala por mim
O tempo de acontecer a vida.

Estou selada na ilha do meu corpo
Deito-me no chão
Comprei o pão de véspera
E as carícias.

Trouxe as flores
Não são brancas, mãe
Mas são as flores frescas da manhã
Abriram ontem
E toda a noite as guardei
Enquanto coava o mel
E tecia o vestido
Não é branco, mãe
Mas serve à mesa do sacrifício
Trouxe a tacula
Antiga do tempo da avó
Não é espessa, mãe
Mas cobre o corpo
Trouxe as velas
De cera e asas
Não são puras. Mãe
Mas podem arder toda a noite
Trouxe o canto
Não é claro, mãe
Mas tem os pássaros certos
Para seguir a queda dos dias
Entre o meu tempo e o teu.

O Lago da Lua

No lago branco da lua
lavei meu primeiro sangue
Ao lago branco da lua
voltaria cada mês
para lavar
meu sangue eterno
a cada lua

No lago branco da lua
misturei meu sangue e barro branco
e fiz a caneca
onde bebo
a água amarga da minha sede sem fim
o mel dos dias claros.
Neste lago deposito
minha reserva de sonhos
para tomar.

A Curva do Rio

Desces a curva do meu corpo, amado
com sabor da curva de outros rios
contas as veias e deixas as mãos pousarem
como asas
como vento
sobre o sopro cansado
sobre o seio desperto

Parte a canoa e rasga a rede
tens sede de outros rios
olhos de peixes que não conheço
e dedos que sentem em mim a pele arrepiada
doutro tempo

Sou a esperança cansada da vida
que bebes devagar
no corpo que era meu
e já perdeste
andas em círculos de fogo
à volta do meu cercado
Não entres, por favor não entres
sem os óleos puros do começo
e as laranjas.

E o silêncio
O silêncio a ficar
Nas tuas mãos
Quando pedes para ver
O que não está.
E o silêncio
A ficar assim nas tuas mãos
Como a massambala:
 Verde em outtubro
 Madura demais depois de Janeiro

O cinto das virgens
Quebrou-se em silêncio
Nas tuas mãos

Não entres na casa redonda quando é novembro
Ainda me guardam as velhas
E me cobre o corpo
A cinza da noite
Os restos de tacula

O cinto das virgens
Quebrou-se em silêncio
Nas tuas mãos

O canto da noite

Por que bebes o meu vinho, amigo
como se fosse o último
um vinho que te amarga a boca e perfuma as vestes
enquanto um coração de sinos toca
a descompasso, com palavras amargas
que te povoam a garganta

Nas mãos desfaz-se o copo
vício antigo
de amassar a massa de deus
soprar os ventos
despertar o espírito do vinho
plantar a despedida
sobre o canto da noite.

Ruy Duarte de Carvalho*

* Ruy Alberto Duarte Gomes de Carvalho nasceu a 22 de Abril de 1941, em Santarém, Portugal. Obras publicadas: «Chão de Oferta» (1972), «A Decisão da Idade» (1976), «Como Se o Mundo não Tivesse Leste» (1977), «Exercícios de Crueldade» (1978), «Sinais Misteriosos...Já Se Vê...» (1979), «Ondula Savana Branca» (1982), «O Camarada e a Câmara» (1984), «Nelisita» (1985), «Lavra Paralela» (1987), «Hábito da Terra» (1988), «Memória de Tanta Guerra – Antologia Poética» (1992), «Ordem de Esquecimento» (1997), «Observação Direta» (2000) e «Lavra Reiterada» (2000).

A gravação do rosto

Na superfície branca do deserto
Na atmosfera ocre das distâncias
No verde breve da chuva de Novembro
Deixei gravado meu rosto
minha mão
minha vontade e meu esperma;
prendi aos montes os gestos da entrega
cumpri as trajectórias do encontro
gravei nas águas a fúria da conquista
da devolução do amor.

Os calcários e os granitos desta terra
foram por mim pesados.
Dei-lhes afagos
leves olhares
insónias longas
impacientes esperas.

Aqui ejaculei delírios verdes
que a madrugada insinua e vence.
Aqui colhi primícias de virgens escandinavas
e coroei outeiros e o meu sexo
com as suas tranças de ouro.

Saltei de monte em monte
e naveguei o ventre do deserto
assinalei o umbigo do mundo e plantei setas
apontando o sexo fundo da terra.
Beijei a carne universal e húmida de uma fêmea em cio,
menstruada.

Aqui me dei, aqui me fiz
desfiz, refiz amores.
aqui me embebedei e vomitei o espanto.

Daqui abalo hoje, parido para o nada
apalpo a água
afago um bicho
ordeno qualquer coisa
e vou.

Os corpos
surgem nus
e os pés descalços
e as mãos são magras
e dorme-se ao relento.
E o cheiro das manadas
monta a brisa
para polvilhar a noite
de um pó
em que faísque
o sol da madrugada.
E se arredonda, em gotas duradoiras
o derradeiro orvalho da estação.

Fazem-se os rios
despontam os capins
passam rebanhos
e cruzam-se recados de água achada.
Segue-se o rasto de mensageiros
demandantes de outras pátrias para os seus gados.

Atingem-se murmúrios de manadas
sofreguidão liberta a derramar-se em dambas.
Despertam-nos vagidos de recentes crias
paridas como água pelos caminhos
e o seu olhar serve de espelho ao verde
de que se faz o leite a derramar-se
farto
na áspera ternura dos seus beijos.

Impõe-se erecto e livre de roupagens.
Concentra a sóbria forma e a cor
do adorno essencial com que revela
a colectiva comunhão da sede.

Impele a voz compacta da torrente
de encontro a um dique de humilhantes bênçãos:

a história que a ciência derrotou;
a despojada cor
contra a barreira espessa dos fuzis;
a fé que feneceu num chão de argila
embranquecido por estações de pranto.

Noivo da sombra
está projectado inteiro contra a luz
da esteira que navega
percursor do Sol.

Acordas ansioso por saber das grinaldas que o sangue abriu na noite. Enfrentas a manhã nua e devassa como a parede branca a que se rasga a forma de um cartaz antigo. Caíram os tapumes da confiança e eis presente, como nunca adversa, a geografia cada vez mais tensa.

Vês a língua de areia servida de outra luz.
A memória sumiu-se, cristalizou nos ecos.
A gestação do medo arruinou as horas.

Ensaias o andar antes sabido. Apenas expões a pele sem que o contorno do teu velho corpo revele indícios do que lhe vai por dentro. Reinventas no mundo a implantação do vulto, lavado agora das razões seguras. Estar vivo e acometer a claridade implica a vocação de afeiçoar o corpo à praça imposta. Há uma maneira apenas de enfrentar o frio. É transportar, por dentro, o mesmo frio. Não fere, a decisão, muito para além das decisões alheias.

uma serpente que à falta de outro alimento lhes devorou as entranhas.e só era cultivado o que bastasse ao sustento das bocas dadas ao luto e ao esforço do crescimento.

e enquanto o rei não morreu da decisão de morrer os trovadores procuraram repor a ordem no mundo. acorriam à ombala de toda a parte, a tocar. e cada um traduzia as causas da infelicidade que lia em si para dizer da infelicidade real. o tempo foi penetrado pela expressão dos que sabiam e a memória modelada no génio dos mais dotados. os pastores vinham de longe ouvi-los de madrugada para repetir no trabalho as trovas mais conseguidas. e muitos homens comuns fizeram da erecção uma força para cantar. e as mulheres para dominar o desejo acumulado puseram todo o vigor na dança até recriar os movimentos.

Nunca de Adeus

será preciso, mulher, dizer que eu falo é da mãe
que o tempo apurou
à escala do génio
de ajustar a cria
à indústria da fala
e às artes da troca?

maior que a criatura
é o sangue
maior que o sangue
é a veia da vida.

é disso que digo Deus.

e era disso que podíamos falar.

nunca de adeus.

Oração de Macho e Frágil

antes uma feia / cheia de graça / capaz de ir à lavra /
comandar a casa / exigir bom trato / conceber o fruto /
bendito o teu ventre / e eu serei contigo.

zelarei pelo gado / pelo leite e pela carne /
cumprirei viagens / cuida tu do fogo / renova o meu sangue /
e acolhe o vigor / da minha semente.

e volve os teus olhos / para a minha chegada.
sem ti não sou nada /
nem valem os rumos /
se os não entrelaças.

fivela dos prazos / água da estação / remate dos mundos /
fermento das festas / calda das nações /
olha por mim
mãe do homem

agora e na hora da minha fraqueza / amem.

Trajanno Nankhova Trajanno*

* Jordão Augusto Trajanno nasceu em Luanda a 12 de Dezembro de 1958. Obras publicadas: «A Morte do Pão» (1993), «Fronteira da Lágrima» (1995), «De que Lado Está Deus», Menção Honrosa do prémio Sagrada Esperança, «Terra Nova» (2000), «Pedestal de Argila» (2001), «Melodia da Água» Prémio do Concurso do MPLA “Dr. Agostinho Neto” (2003), «Caminhos da Mente» (2004) e «Fisionomia do Limite» (2005), livro que ficou entre os cinco mais votados do Grande Prémio de Poesia da UEA.

2ª partitura de piropos à besangana

esta alegria de a ver chegar na voz do dia
de braços em cúpula devia ressoar no grito das rosas
devia encantar a sépala cónica dos ventres
que exila o dízimo das cidades transplantadas
devia dançar na azul ansiedade dos mortos
que se olvidaram de morrer

esta alegria de a ver chegar no pregão descalço dos pés
devia edificar de jambo
sobre a pátria anunciada
no rito húmido da melodia dos braços
onde padece a carne sem prece

convocaríamos o crepúsculo
no céu das escarpas onde desfila o perfume até às entranhas
das dádivas celestes

desfilaríamos com luvas nos pés
na sede das galerias de uvas se chovesse
à hora do almoço no lado de fora das tumbas

convocaríamos o horizonte da linha da mão nova mente
semeado entre o corpo e o espírito nova mente
pela alegria de a ver chegar na voz da única prece
que a pátria reconhece!

4ª partitura de piropos à besangana

oh Besangana!
da vida a existência de mim exige vertiginosamente
teu corpo
sobre altar de luz
desnuda
sobre altar de luz
vestida da maciez da pele tropical das frutas
sobre altar de luz
oh Besangana!

tua sede teu aroma nos lábios de meu corpo
personalidade alada no espaço das miragens reais
carne suor suor e carne
fruta sobre altar de luz
bagaço vertiginoso a sangrar em teu sangue
vem ordenhar as tetas do chão por onde caminha

o coração do verso
que alimenta o universo lascivo do perfume
e a dúcida emoção do sol-pôr na paisagem dos sexos

oh doce encanto de morte
quando a águia bater as asas no teto de minha alma
real momento de harmonia na dança do horto imaginário de teu
corpo
ausente de mácula quero me encontrar morto
no revérbero de teu altar de luz
oh Besangana!

olor humano da flor 6º aroma

ainda não me decidi há sobre altar feminino
uma taça de luz e um vaso de mel
no cenário do amor nocturno

olhar estático para os olhos da árvore
e dizer nada sobre a marcha das sombras
é meu melhor jeito de fazer amor

nunca estive só na minha solidão
congrego os segredos das dores de outras vidas
numa fábula humana e cortês cortês e humana
pelo olor humano da viragem paisagem

sexagésima
ENUNCIÇÃO

pelas suspeitas retomadas aos sonâmbulos
lá fora está silêncio onde ria um piano

percurso inefável do voo – 7ª. Ansiedade

todo alarde de saudade é chão breve é um olhar a medo
todo encanto ao alcance dos olhos é um som de paixão
é uma prova de aproximação e de distância
onde o passo castra a estrada
suada e saudável e suada na hora de sol-nado
sente-se a ausência oblíqua da agenda
está-se a um instante do sonho
implora ao vento um sócia para cada evento

há sempre uma prédia diferente e um assobio
para cada constelação de cores todo fim
da saudade parece uma estrada parece uma prece

dolência serena do kisanji – 1ª. palheta

perceber o mar na ginga de teu passo
é uma questão de instinto na velha harmonia
presente e ausente ausente e inocente

fora já um céu em distinta ocasião nascido da mão
minha alma traz à memória
todas as aves acumuladas no visgo das honras
nota de aroma lírica a entrada de angélica catedral
na intimidade da safira perceber a dolência serena o mar
é questão de coração

a emoção da semente
expressão psicológica que dissipa a monotonia

2

pela partitura do sono
nesta parte branca de meu poema é lugar de tua voz
outra cidadania para o horizonte
antes muito antes da primeira palavra
no encontro do primeiro olhar
habitam de luzes insistentes gotas de mel
assemelha-te à uma flor na intimidade do tempo
outra vaga outra braga em gesto materno
na memória da noite na memória do dia
na pavimentação reticente da segunda infância
que habita madura o sorriso da árvore
no interior velado da cidadela exposta

1

agora posso olhar-te por dentro
pelas suspeitas retomadas aos sonâmbulos
devo lavar o rosto na mais profunda reentrância da cidade
como se fosse possível o sábado anteceder
o despertar do olor nos panfletos
onde habita a ingenuidade das fábulas de marajás
e a velha memória de pedestal
um jornal recente de notícias góticas
torna ridículo o senso equilibrista da algibeira
no peito da noite há sinais de régia ternura
agora posso olhar-te por dentro
agora posso olhar-te por dentro

**Poemas Musicados ou Recitados
nas Tertúlias Literárias**

Aires de Almeida Santos (1921-1992)

Damba Maria

Aquela canção
Que o vento nos ensinou
Findou
E não a cantámos juntos.

Perdeu-se
Na ocasião
Em que uma onda invejosa
Veio cobrir com espuma
A areia, perto de nós.

Estávamos sós,
Tu e eu,
E queríamos cantar
Aquela doce canção
Que o vento veio ensinar;
Mas assim o vento a trouxe
Assim a brisa a levou
Pelas areias da damba.

E eu choro,
Esperando ainda,
Que volte a canção tão linda
Que o vento nos ensinou.

Mariposa vermelha

Mariposa vermelha
As rosas do meu quintal
Murcharam
E não esperaram
Por ti...
Quando voltares ali,
Com o sol a brincar,
A brilhar
Na sede vermelha
Das tuas asas,
Já não encontras
As pétalas de veludo
Da cor das brasas
Onde pousavas
A descansar
E a contar
Histórias de amor,
De risos,
De cor...

Murcharam as minhas rosas,
Mariposa vermelha.

Com elas murchou também
O sonho que acalentámos
Durante meses seguidos.
E agora
– Mariposa vermelha –
Só ficou a reluzir
A pequenina centelha
Duma ilusão a fugir.

Meu amor da rua onze

Tantas juras nos trocámos,
Tantas promessas fizemos,
Tantos beijos nos roubámos,
Tantos abraços nos demos.

Meu Amor da Rua Onze,
Meu Amor da Rua Onze,
Já não quero
Mais mentir.

Meu Amor da Rua Onze
Meu Amor da Rua Onze
Já não quero
mais fingir.

Era tão grande e tão belo
Nosso romance de amor
Que ainda sinto o calor
Das juras que nos trocámos.

Era tão bela, tão doce
Nossa maneira de amar
Que ainda pairam no ar
As promessas que fizemos

Nossa maneira de amar
Era tão doida, tão louca
Qu'inda me queimam a boca
Os beijos que nos roubámos.

Tanta loucura e doidice
Tinha o nosso amor desfeito
Que ainda sinto no peito
Os abraços que nos demos.

E agora
Tudo acabou.
Terminou
Nosso romance.

Quando te vejo passar
Com o teu andar
Senhoril,
Sinto nascer

E crescer
Uma saudade infinita
Do teu corpo gentil
De escultura
Cor de bronze
Meu Amor da Rua Onze

Alda Lara (1930-1962)

Incerteza

A flor do entendimento
murchou sem eu lhe tocar.
Talvez fosse desse vento,
ou fosse do meu sonhar...

Se me dói este momento
já não vale o sentimento,
nem a pena de o mentir.

Talvez fosse desse vento...
ou fosse do meu sentir.

Para ti

Olhos perdidos perscrutando o mar...
... Para lá... que o horizontes se marcaram?...
– África d’oiro e sonho! A perdurar
Lembranças d’outros dias que passaram...

O curso?... – Uma aventura!...
A vida?... – Um bem, firmado em grandes Ideais!...
Depois...
(que importa o que é «depois»,
quando se tem a certeza
de sermos sempre DOIS!?)

Antero Abreu (1927)

Coisas Lilases

As coisa lilases são as mais bonitas
e surpreendentes, embora haja coisas que
também o são, e talvez mais.
Sonho lilases (as flores), e vestidos lilases
e as olheiras lilases das heroínas
dos romances românticos.
Lilás é bom. E doce. Entristece-nos e
reconforta-nos. O meu pensamento,
neste momento, é lilás.
Hei-de enviar-te um ramo de lilases,
com um cartão escrito em tinta lilás.
Lê-lo-ás, ao cartão escrito em tinta lilás,
e aqui e ali rirás, sabe-se lá. Um riso
lilás. Helàs!

O Sentimento

Existem flores azuis como rochedos
E cantos de pássaros como redomas
Busque o sentimento
O hálito do mundo
E é um desabrochar de inusitadas coisas
Uma mulher sem rosto
Um rosto sem malares
Um buraco no escuro
Um pente de dentes ao contrário
O sentimento
É um aparelho de rádio com a agulha doída
A sintonizar emissoras caladas
Porque o sentimento inventa
O vento
O sentimento
Mente.

António Agostinho Neto (1922-1979)

Nas curtas horas

Nas curtas horas realmente longas
cada minuto um porquê da tua ausência
cada instante o desejo visceral da tua presença

Nas curtas horas realmente longas
ao afagar o sussurro da tua voz suave
ela ribomba como o trovão
como ondas iradas sob tempestade
aos ouvidos impacientes da ânsia.

Ânsia de rasgar o ventre grávido da fera
de arrebatrar das mãos do medo
o germe implacável da semente portentosa
da chegada

Nas curtas horas realmente longas
a jornada insana das lutas vitoriosas
o grito no caminho firme para a vida
o meu grito na tua voz
o meu desejo nos teus olhos

Um bouquet de rosas para ti

Um bouquet de rosas para ti
– rosas vermelhas brancas
amarelas azuis –
rosas para o teu dia

Suavidade e frescura
das curvas ansiosas da terra
e a exaltação poética da vida
– suavidade e frescura para o teu dia

Alegria da amizade
nos esgares displicentes da morte
e sobre a seiva catalizadora do afecto
alegria e amizade para o teu dia

E no teu dia
se fundam também em mim
os anseios e as emoções
as tristezas e as iras
a certeza e a fé
e todos os pequeninos tons da variada vida
misturados nos caleidoscópios do horizonte
e todas as esperanças

Um bouquet de rosas para o teu dia

O amplexo fraternal do sol poente
e da lua nascente
a derrota inadiável da ancianidade

e o crescer do novo
em cada passo dos dias
em cada hora dos dias
em cada um dos teus sorrisos;
todas as cambiantes da matéria
a aridez dos desertos
e a fecundidade das fontes
a gracilidade dos tigres
e a docilidade das pombas
o furor dos rios
a ira dos ventos
e a desconcertante variação humana
ódio e amor
amarelos sorrisos na hipocrisia das almas
gritos ais abundâncias e misérias
tudo reunido
no bouquet de rosas
para o teu dia.

O sabor amargo da primavera iminente
vem grávido de força
vem cheio de desesperos
e de frustrações
e nenhuma derrota possível
é capaz de destronar a força trazida
no sabor amargo da primavera iminente
e em cada um dos teus dias

Força e certeza
no bouquet de rosas
para o teu dia

E o lugar conquistado na terra
pelos homens das máquinas
e do super-som
pela fraternidade
e pela amizade
será sempre seu
e também o teu e o nosso
ainda que as águas saltem dos leitos
e as montanhas erodidas
soltem os ventos.

Um lugar conquistado
no bouquet de rosa
para o teu dia

Um bouquet de rosas para ti
– rosas vermelhas brancas
amarelas azuis –
rosas para o teu dia
e Vida! – para o teu dia

Envolve-os carinhosamente
nas saudades fugazes
dum curto inverno.

Para enfeitar os teus cabelos

À Maria Eugénia

No nosso sangue crescem rosas
e no amor
e na saudade;
as rosas que murcham sobre o gelo
da nossa distância

E neste dia
crescerão sempre rosas

Se os nossos corações se estrangulam
nas grades
onde morre a liberdade
e se fatigam

Neste dia
Cresceram sempre rosas

E se o inverno é longo,
é dentro de nós
que mergulham as raízes
pelas quais os homens
se alimentam.

Se o inverno é longo
e as vozes se cansam
é porque
o nosso caminho é único
– o amor.

Neste dia
cresceram sempre rosas

Irei buscá-las
às planícies mais longínquas
às montanhas menos acessíveis
aos abismo
à amizade
e à distância que nos une.

Neste dia crescerão
sempre rosas, rosas
muito rosas sobre o nosso amor

Para enfeitar os teus cabelos.

António Jacinto (1924-1991)

Carta dum contratado

Eu queria escrever-te uma carta,
amor,
uma carta que dissesse
deste anseio
de te ver
deste receio
de te perder
deste mais que bem querer que sinto
deste mal indefinido que me persegue
desta saudade a que vivo todo entregue...

Eu queria escrever-te uma carta,
amor,
uma carta de confidências íntimas,
uma carta de lembranças de ti,
de ti
dos teus lábios vermelhos como tacula
dos teus cabelos negros como diloua
dos teus olhos doces como maconde
dos teu seios duro como maboque
do teu andar de onça
e dos teus carinhos
que maiores não encontrei por aí...

Eu queria escrever-te uma carta,
amor
que recordasse nossos dias na capopa
nossas noites perdidas no campim
que recordasse a sombra que nos caía dos jambos
o luar que se coava das palmeiras sem fim

que recordasse a loucura
da nossa paixão
e a amargura
da nossa separação...

Eu queria escrever-te uma carta,
amor,
que a não lesses sem suspirar
que a escondesses de papai Bombo
que a sonegasses a mamãe Kieza
que a relesses sem a frieza
do esquecimento
uma carta que em todo o Kilombo
outra a ela não tivesse merecimento.

Eu queria escrever-te uma carta,
amor,
uma carta que ta levasse o vento que passa
uma carta que os cajus e cafeeiros
que as hienas e palancas
que os jacarés e bagres
pudessem entender
para que se o vento a perdesse no caminho
os bichos e plantas
compadecidos de nosso pungente sofrer
de canto em canto
de lamento em lamento
de farfalhar em farfalhar
te levassem puras e quentes
as palavras ardentes
as palavras magoadas da minha carta
que eu queria escrever-te amor...
Eu queria escrever-te uma carta...

Mas ah, meu amor, eu não sei compreender
por que é, por que é, por que é, meu bem,
que tu não sabes ler
e eu – Oh! desespero – não sei escrever também!

Pântano

(Uma história do Musseque)

Minina feiosa
estava cheia de desejos
e não fazia nada

ficava na janela desgostosa
a pensar ai a imaginar beijos
e carícias no seu coração de abandonada

Minina feiosa
cheia de desejos
não fazia nada

Nos olhos feios piquininos
Havia sempre uma luz quente
E olhando os mininos da rua
Ficava com ânsia ardente
De ser mãe deles—e olhava-se no espelho nua

Era desejo, só desejo
A tortura a rasgar o seu corpo
Porque não lhe davam beijo
Em todo corpo feio mas morto

Se o corpo mais que a alma sentia
E se todo ele existia
Por que, por que ai, por que
A insatisfação que se sente e não se vê?

Ernesto Lara Filho (1922-1977)

Teus olhos de dendém

Para a M. J.

Naquela noite eu disse
lá em casa
que ia prò cinema.

Cruzei a Baixa toda
entrei numa boate
– a mais fina de Luanda –
e fui dançar com ela
apaixonadamente.

Ela era uma pequena
de Malange.

Tinha nos olhos
brilhantes como incêndios ao luar
o claro escuro
dos bagos
de um cacho de dendém.

Naquela noite
dançámos loucamente
apaixonadamente.

Tinha a pele clara
como qualquer daquelas
mulheres que eu conheci
nas longas noites inverniais
da Europa.

Mas o olhar
ai
o olhar
trazia o sofrimento
das noites Africanas.
Nunca mais pude esquecer
aquela rapariga branca
de Malange
que tinha os olhos lindos
como as cores
dos bagos
de um cacho de dendém.

Nunca mais
ai, nunca mais
dancei assim
e nunca mais a vi
dançar assim
tão loucamente
alucinadamente
a rapariguinha branca de Malange
que tinha o corpo esguio
o ritmo no bailar
esse ritmo de uma qualquer mulata
das minhas longas noites Africanas.

Nunca mais dancei assim
tão desvairadamente
apaixonadamente
os lábios num murmúrio
a boca num perjúrio
seus seios no meu peito
amachucadamente

aqueles cabelos negros
roçando a minha face
os cílios desse olhar
com gotas de luar
que tinha as ambições
o claro escuro
dos bagos
de um cacho de dendém.

Nunca mais
ai, nunca mais
dancei assim
tão loucamente
apaixonadamente...

Amor de mulata

O amor de mulata
é como o cacimbo
sobre a buganvília
ao amanhecer:
o sol nasce
e o cacimbo desaparece.

O amor de mulata
é como a luz do luar
nas noites de Benguela
ao amanhecer:
logo que nasce o dia
a luz do luar como que morre.

O amor de mulata
é como o perfume
da rosa africana:
a flor morre
e o perfume desaparece.

O amor de mulata
não é mais
do que a brisa do mar,
nada mais
do que a brisa do mar,
soprando de mansinho
nas casuarinas
da praia.

Geraldo Bessa Victor (1917-1985)

Porquê?...

O mistério do amor! – Eu só queria
saber por que razão o amor – que apresa
a vida toda a toda natureza – ,
de vez em vez, de ser em ser varia.

Berço do riso e berço da tristeza;
fonte do pranto e fonte da alegria;
ora suspiro amargo e prece fria;
ora feliz canção e viva reza.

Aqui é glória mas além é cruz.
– Desde que o mundo é mundo é sempre assim:
desde que existe tudo quanto existe:

desde que o mesmo Deus fez treva e luz,
e a luz, formando o alegre sol, enfim,
ela formou também a lua triste.

«Amor Perfeito»

Fui ontem visitar o teu jardim,
tão lindo, tão risonho.
E nele decorri horas sem fim,
como em perdido sonho.

E pus-me a passear, olhando os céus,
como quem cisma, como quem adeja
nessas paragens onde mora Deus,
e donde um brando aflato nos bafeja.

Depois, olhei, fitei – quase com medo –
de teu vergel os mimos, os primores.
E, como quem revela algum segredo,
abri o coração às tuas flores.

E perguntei, então, a cada qual:
– «Acaso, na verdade, sou benquisto
da vossa divinal
estrela ou fada, por quem eu existo?»

Mas os cravos, túlipas, as rosas,
os lírios, as magnólias, as violetas,
e tantas outras flores primorosas,
– eram mudas, secretas...

José da Silva Maia Ferreira (1827-1881)

Carlinda

É fado tirano,
Carlinda mimosa,
O que sofre o meu peito
Por ti que és formosa
E que és meu amor.
 Carlinda, atende
 Teu triste cantor!

Se extremos concedo
À tua beldade
Vem mão opressora,
Que sem piedade
Nos enche de dor;
 Carlinda, atende
 Teu triste cantor!

Se o meu ao teu fado
Intento ligar,
Sorte impiedosa
Nos quer separar
Com duro rigor;
 Carlinda, atende
 Teu triste cantor!

Porém, nem o fado,
Nem mão opressora,
Nos pode roubar
Um bem, que é penhora
De Deus-Criador.

Carlinda, atente
Teu triste cantor!

Sejamos unidos
Na pátria de Deus!
Recebe os meus votos,
Meus votos só teus,
Nascidos de amor,
 Que terno te envia
 Teu triste cantor!

Porque podes duvidar?

Ingrata por que motivo
Cruel podes duvidar
Desse fogo lento e vivo
Que é hoje o meu penar!
Foste tu que mo acendeste
Que desses olhos quiseste
Que eu bebesse o seu fitar! –

Qual mimosa e casta flor
Desfolhada pelo vento –
Assim me roubaste o amor –
Que é hoje o meu tormento.
Neste martírio de dor
Inda queres com rigor
Escaldar meu pensamento!

Queres provas de que te amo?
Desprende dos lábios teus
Um desejo que me inflamo
Mostrar nele os votos meus!
Exiges de mim a morte?
Em tuas mãos a minha sorte
Entreguei perante os Céus!

Dize, fala, manda, ordena
Com tua casta isenção
Aos tormentos me condena
Que nunca direi que não. –
Quer vivendo leda vida,
Quer em sorte desabrida
Será teu meu coração!

Mário António (1934-1989)

Quando li Jubiabá
me cri António Balduíno.
Meu primo, que nunca o leu
ficou Zeca Camarão.

Eh Zeca!

Vamos os dois numa chunga
Vamos farrar toda a noite
Vamos levar duas moças
Para a praia da Rotunda!
Zeca me ensina o caminho:
Sou António balduíno.

E fomos farrar por aí,
Camarão na minha frente.
Nem verdiano se mete:
Na frente Zé Camarão,
Balduíno vai no trás.

Que moça levou meu primo!
Vai remexendo no samba
Que nem a negra Rosenda;
Eu praqui olhando só!

Que moça que ele levou!
Cabrita que vira os olhos.
Meu primo, rei do musseque
Eu praqui olhando só!

Meu primo tá segredando:
Nossa Senhora da Ilha
Ou que outra feiticeira?
A moça o acompanhando.

Zé Camarão a levou:
E eu para aqui a secar.
Eu eu para aqui a secar.

Traz uma nota nova ao meu canto
 Que ele é para ti, Rainha do Quebranto,
 Mulher inda incompleta de olhos ávidos
 Em renúncia esbatidos e impávidos
 Perante a abertura pequeníssima
 Que dá prá vida plena. E sorri se ma-
 teriais, agressivos planos ferem
 A ânsia que te agita toda ou querem
 Impedir a tua morte desejada.
 Vem para mim mecânica e alada
 Flor, pétalas, lâminas cortantes
 Une num tempo só depois e antes
 Num tempo atravessado do furor
 Que de ti faz a Espada e o Amor
 Do que em mim espera trémulo, cativo
 Daquilo por que morres e eu vivo.

Viriato da Cruz (1928-1973)

Namoro

Mandei-lhe uma carta em papel perfumado
e com letra bonita eu disse ela tinha
um sorrir luminoso tão quente e gaiato
como o sol de Novembro brincando de artista nas
[acácias floridas
espalhando diamante na fímbria do mar
e dando calor ao sumo das mangas
Sua pele macia – era sumaúma...
Sua pele macia, da cor do jambo, cheirando a rosas
sua pele macia guardava as doçuras do corpo rijo
tão rijo e tão doce – como o maboque...
Seus seios, laranjas – laranjas de Loge
seus dentes... – marfim...
Mandei-lhe essa carta
e ela disse que não.

Mandei-lhe um cartão
que o amigo Maninho tipografou:
“Por ti sofre o meu coração”
Num canto – SIM, noutro canto – NÃO
E ela o canto do NÃO dobrou.

Mandei-lhe um recado pela Zefa do Sete
pedindo rogando de joelhos no chão
pela senhora do Cabo, pela Santa Ifigénia,
me desse a ventura do seu namoro...
E ela disse que não.

Levei à avó Chica, quimbanda de fama
a areia da marca que o seu pé deixou
para que fizesse um feitiço forte e seguro
que nela nascesse um amor como o meu...
E o feitiço falhou.

Esperei-a de tarde, à porta da fábrica,
ofertei-lhe um colar e um anel e um broche,
paguei-lhe doces na calçada da Missão,
ficámos num banco do largo da Estátua,
Afaguei-lhe as mãos...
Falei-lhe de amor... e ela disse que não.

Andei barbado, sujo e descalço
como um mona-ngamba.
Procuraram por mim
”– Não viu... (ai, não viu...?) não viu Benjamim?”
E perdido me deram no morro da Samba.

Para me distrair
levaram-me ao baile de sô Januário
mas ela lá estava num canto a rir
contando o meu caso às moças mais lindas do Bairro Operário

Tocaram uma rumba – dancei com ela
e num passo maluco voámos na sala
qual uma estrela riscando o céu!
E a malta gritou: “Aí, Benjamim!”
Olhei-a nos olhos – sorriu para mim
pedi-lhe um beijo – e ela disse que sim.

Rimance da Menina da Roça

A menina da roça
está no terreiro
cosendo a toalhinha
pró seu enxoval...
–“Que céu tão lindo!,
e o encanto da mata!...
Ai, tanta beleza
no cafezal...”

A menina da roça terá poesia
terá poesia nos olhos de mel?

A menina da roça
chega à janela
e na estrada branca
a vista alonga...
–“É o carro a vir?!”
Não... é o bater compassado
do aço de enxadas
dos negros na tonga...

A menina da roça tem é um namoro
tem um namoro com um motorista

A menina da roça
veio à varanda
e os olhos erra
no verde à toa

–“Está ele a chegar?!”

Ah... são negros pilando
dedém para azeite
na grande canoa

(Prucutum, lá do telheiro,
vai chamar o meu amor)

A menina da roça
acorda à noite
ouviu um barulho
na escuridão
– “O carro chegou!...”
oh... é o pulsar
apressado
do seu coração

(Porque bates tão depressa, coração alucinado?
coração alucinado, espera que o dia amanheça)

– Já viu a minina?...”
“Hem... tem cor marela
do mburututu...
– “E não come nem nada...”
– “E os olhos de mel
tão-se afundar
num lago azul
que faz sonhar...”
Conversam as negras
à boca apertada;

(Minha dor, ninguém a saiba –
não há peito em que ela caiba)

A menina da roça
escuta dorida
a triste canção
vem do rio.

Que vem do rio? – Que vem do peito:
baixinho, lá dentro,
chora de amor
o coração

Menina da roça – águas do rio
Saudades da fonte... desejos de amar.

O Éden Sem Fronteiras
«Visitações Necessárias Depois de Um
Cálice de Vinho»

André Breton* (1896-1966)

*André Breton (Tinchebray, 18 de Fevereiro de 1896 - Paris, 28 de Setembro de 1966) foi um escritor francês, poeta e teórico do surrealismo.

A Louis Aragon

«Pouco antes da meia-noite perto do cais.
«Se uma mulher desgrenhada te seguir não te importes.
«É o azul. Nada deves temer do azul.
«Haverá grandes rendas de seda numa árvore.
«O campanário da aldeia de cores esbatidas
«Vai servir-te de ponto de referência. Aproveita a ocasião,
«Não esqueças. O geysir escuro que lança contra o céu rebentos
de feto
«Saúda-te.»

A carta lacrada com três peixes
Passava agora na luz dos subúrbios
Como um cartaz de domador.

De resto

A bela, a vítima, aquela a quem chamavam
No bairro a pequena pirâmide de resedá
Descosia só para si uma nuvem tal qual
Um saquítel de piedade.

Mais tarde a armadura branca

Que se ocupava entre outros dos trabalhos domésticos
Cada vez mais à vontade agarrava com força
O menino da concha, aquele que ia ser...
Mas silêncio. Um braseiro já dava ensejo
No seu seio a um arrebatador romance de capa
E espada.

Sobre a ponte, à mesma hora,
Assim a cabeça de gata do orvalho baloiçava.
A noite, – e as ilusões estariam perdidas.

Eis os fraldes brancos que voltam das vésperas
Com uma grande chave por cima da cabeça.

Eis os arautos pardos; eis por fim a carta
Ou os lábios: meu coração é um cuco de Deus.

Mas enquanto ela fala, só fica uma parede
A bater contra um túmulo como uma vela mestra.
A eternidade procura um relógio de pulso.
Pouco antes da meia-noite perto do cais.

Clair de terre (1923)

A Águia Sexual Exulta

A águia sexual exulta vai dourar a terra uma vez mais
 A asa descendente
 A asa ascendente sacode ao de leve as mangas da hortelã-pimenta
 E toda a adorável roupa interior da água
 Tão claramente contados são os dias
 Que o espelho deu a vez a uma nuvem de folhas
 Do céu só vejo uma estrela
 À nossa volta nada a não ser a elipse vertiginosa do leite
 De onde a lânguida intuição de pálpebras de ágata olheirenta
 Se ergue às vezes para excitar a ponta do guarda-chuva na lama da
[luz eléctrica
 Então as vastidões vêm ancorar estender-se no fundo dos meus
[olhos fechados
 Icebergues radiosos da vida de todos os mundos por vir
 Nascidos duma parte de ti duma parte desconhecida e gelada que voa
 A tua vida o ramo de flores gigantesco que me cai dos braços
 Está mal atada atravessa as paredes desenrola as escadas dos prédios
 Desfolha-se nas montras das ruas
 Notícias estou sempre a partir em busca de notícias
 O jornal hoje é de vidro e se as cartas já não chegam
 É porque o comboio foi devorado
 O grande corte da esmeralda que fez nascer a folhagem
 Cicatrizou para sempre as serrações de neve deslumbrante
 E as pedreiras de carne zumbem sozinhas ao primeiro raio de sol
 Recostado nesta luz
 Sigo o rasto da morte e da vida
 No ar líquido

L'air de l'au

(1934)

Bóris Pasternak* (1890-1960)

* Boris Pasternak poeta e romancista russo (1890-1960) foi galardoado com o Prémio Nobel da Literatura em 1958, depois de ter publicado clandestinamente o romance *Doutor Jivago* em Itália, em 1957.

Quero Chegar ...

Quero chegar em tudo ao cerne,

ao mais oculto.

Buscando a rota, no afazer, no

peito em tumulto.

Ao bojo dos dias de outrora,

ao próprio centro,

justo às raízes e às escoras,

medula adentro.

Sempre agarrando toda a série

de sinas, fatos,

sentir, pensar, amar, viver e

fazer achados.

E escreveria, ah, se o lograsse,

sobre os diversos

dons da paixão, de todo ou quase,

em oito versos.

Seus crimes, fugas e caçadas,

seus atropelos

acidentais, mãos espalmadas

e cotovelos.

Deduziria a essência inata

e as suas leis,

diria a inicial de cada

nome outra vez.

Dispondo cantos em canteiros,

com veias tensas,

veria as tílias: o horto inteiro

posto em seqüência.

E verteria, em verso, aromas

de rosa e menta,

prado, flor, feno e quanto assoma

numa tormenta.

Assim Chopin verteu – portento

vivo – seu mundo,

sítios, jazigos, bosques, dentro

de seus estudos.

O jogo e o suplício do afã de

vencer de fato –

a corda retesa e vibrante

do arco dobrado.

Camões (1524-1580)

Luís Vaz de Camões (cerca de 1524 — 10 de Junho de 1580) é frequentemente considerado como o maior poeta de língua portuguesa e dos maiores da Humanidade. O seu génio é comparável ao de Virgílio, Dante, Cervantes ou Shakespeare. Das suas obras, *Os Lusíadas* é a mais significativa.

|Alma Minha Gentil, Que Te Partiste|

Alma minha gentil, que te partiste
tão cedo desta vida descontente,
repousa lá no Céu eternamente,
e viva eu cá na terra sempre triste.

Sei lá no assento etéreo, onde subiste,
memória desta vida se consente,
não te esqueças daquele amor ardente
que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
Algia cousa a dor que me ficou
da mágoa, sem remédio, de perder-te,

roga a Deus, que teus anos encurtou,
que tão cedo de cá me leve a ver-te,
quão cedo de meus olhos te levou.

|Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontades, |

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
muda-se o ser, muda-se a confiança;
todo o mundo é composto de mudança,
tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,
diferentes em tudo da esperança;
do mal ficam as mágoas na lembrança,
e do bem (se algum houve), as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
que já coberto foi de neve fria,
e, em mim, converte em choro o doce canto.

E, afora este muda-se cada dia,
outra mudança faz de mor espanto,
que não se muda já como soía.

|Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente,|

Erros meus, má fortuna, amor ardente,
em minha perdição se conjuraram;
os erros e a fortuna sobejaram,
que para mim bastava amor somente.

Tudo passei; mas tenho tão presente
a grande dor das cousas que passaram,
que as magoadas iras me ensinaram
a não querer já nunca ser contente.

Errei todo o discurso de meus anos;
dei causa |a| que a Fortuna castigasse
as minhas mal fundadas esperanças.

De amor não vi senão breves enganos.
Oh! Quem tanto pudesse, que fartasse
este meu duro génio de vinganças!

Quando a suprema dor muito me aperta,
Se digo que desejo esquecimento,
É força que se faz ao pensamento,
De que a vontade livre desconcerta.

Assim, de erro tão grave me desperta
A luz do bem regido entendimento,
Que mostra ser engano ou fingimento
Dizer que em tal descanso mais se acerta.

Porque essa própria imagem, que na mente
Me representa o bem de que careço,
Faz-mo de um certo modo ser presente.

Ditosa é, logo, a pena que padeço,
Pois que da causa dela em mim se sente
Um bem que, inda sem ver-vos, reconheço.

Aquela triste e leda madrugada,
Cheia toda de mágoa e de piedade,
Enquanto houver no mundo saudade
Quero que seja sempre celebrada.

Ela só, quando amena e marchetada
Saía, dando ao mundo claridade,
Viu apartar-se de uma outra vontade,
Que nunca poderá ver-se apartada.

Ela só viu as lágrimas em fio,
Que de uns e de outros olhos derivadas
Se acrescentaram em grande e largo rio.

Ela viu as palavras magoadas
Que puderam tornar o fogo frio,
E dar descanso às almas condenadas.

Camilo Pessanha* (1867-1926)

*Camilo de Almeida Pessanha nasceu em Coimbra, em 1867 e faleceu vítima de tuberculose, em 1926.

Canção da Partida

Ao meu coração um peso de ferro
Eu hei-de prender na volta do mar.
Ao meu coração um peso de ferro...
 Lança-lo ao mar.

Quem vai embarcar, que vai degredado,
As penas do amor não queira levar...
Marujos, erguei o cofre pesado,
 Lançai-o ao mar.

E hei-de mercar um fecho de prata.
O meu coração é o cofre selado.
A sete chaves: tem dentro uma carta...
A última, de antes do teu noivado.

A sete chaves – a carta encantada!
E um lenço bordado... Esse hei-de o levar,
Que é para o molhar na água salgada
No dia em que enfim deixar de chorar.

Crepuscular

Há no ambiente um murmúrio de queixume,
De desejos de amor, d'ais comprimidos...
Uma ternura esparsa de balidos,
Sente-se esmorecer como um perfume.

As madressilvas murcham nos silvados
E o aroma que exalam pelo espaço,
Tem delíquios de gozo e de cansaço,
Nervosos, femininos, delicados.

Sentem-se espasmos, agonias d'ave,
Inapreensíveis, mínimas, serenas...
Tenho entre as mãos as tuas mãos pequenas,
O meu olhar no teu olhar suave.

As tuas mãos tão brancas d'anemia...
Os teus olhos tão meigos de tristeza...
É este enlanguescer da natureza,
Este vago sofrer do fim do dia.

Interrogação

Não sei se isto é amor. Procuo o teu olhar,
Se alguma dor me fere, em busca de um abrigo;
E apesar disso, crê! nunca pensei num lar
Onde fosses feliz, e eu feliz contigo.

Por ti nunca chorei nenhum ideal desfeito.
E nunca te escrevi nenhuns versos românticos.
Nem depois de acordar te procurei no leito
Como a esposa sensual do cântico dos cânticos.

Se é amar-te não sei. Não sei se te idealizo
A tua cor sadia, o teu sorriso terno...
Mas sinto-me sorrir de ver esse sorriso
Que me penetra bem, como este sol de inverno.

Passo contigo a tarde e sempre sem receio
Da luz crepuscular, que enerva, que provoca.

Eu não demoro o olhar na curva do teu seio
Nem me lembrei jamais de te beijar na boca.

Eu não sei se é amor. Será talvez começo...
Eu não sei que mudança a minha alma pressente...
Amor não sei se o é, mas sei que te estremeço,
Que adoecia talvez de te saber doente.

Cruz e Sousa* (1861-1898)

*João Cruz e Souza nasceu em Santa Catarina em 1863. É conhecido como o “Cisne Negro” da Literatura Brasileira. Costuma-se dizer que procurou fugir do preconceito social através da espiritualidade poética.

Encarnação

Carnais, sejam carnis tantos desejos,
carnais, sejam carnis tantos anseios,
palpitações e frêmitos e enleios,
das harpas da emoção tantos arpejos...
Sonhos, que vão, por trêmulos adejos,
à noite, ao luar, intumescer os seios
láteos, de finos e azulados veios
de virgindade, de pudor, de pejos...
Sejam carnis todos os sonhos brumos
de estranhos, vagos, estrelados rumos
onde as Visões do amor dormem geladas...
Sonhos, palpitações, desejos e ânsias
formem, com claridades e fragrâncias,
a encarnação das lívidas Amadas!

Flor do Mar

És da origem do mar, vens do secreto,
do estranho mar espumaroso e frio
que põe rede de sonhos ao navio
e o deixa balouçar, na vaga, inquieto.
Possuis do mar o deslumbrante afeto,
as dormências nervosas e o sombrio
e torvo aspecto aterrador, bravio
das ondas no atro e proceloso aspecto.
Num fundo ideal de púrpuras e rosas
surges das águas mucilaginosas
como a lua entre a névoa dos espaços...
Trazes na carne o eflorescer das vinhas,
auroras, virgens músicas marinhas,
acres aromas de algas e sargaços...

Dança do Ventre

Torva, febril, torcicolosamente,
numa espiral de elétricos volteios,
na cabeça, nos olhos e nos seios
fluíam-lhe os venenos da serpente.
Ah! que agonia tenebrosa e ardente!
que convulsões, que lúbricos anseios,
quanta volúpia e quantos bamboleios,
que brusco e horrível sensualismo quente.
O ventre, em pinchos, empinava todo
como réptil abjecto sobre o lodo,
espolinhando e retorcido em fúria.
Era a dança macabra e multiforme
de um verme estranho, colossal, enorme,
do demônio sangrento da luxúria!

Charles Baudelaire* (1821-1867)

*Poeta e crítico francês, Charles-Pierre Baudelaire nasceu em Paris em 9 de abril de 1821, é considerado frequentemente um dos maiores poetas do Século XIX, influenciando a poesia internacional de tendência simbolista.

A Uma Passante

A rua, em torno, era ensurdecedora vaia.
Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa,
Uma mulher passou, com sua mão vaidosa
Erguendo e balançando a barra alva da saia;
Pernas de estátua, era fidalga, ágil e fina.
Eu bebia, como um basbaque extravagante,
No tempestuoso céu do seu olhar distante,
A doçura que encanta e o prazer que assassina.
Brilho... e a noite depois! - Fugitiva beldade
De um olhar que me fez nascer segunda vez,
Não mais te hei de rever senão na eternidade?
Longe daqui! tarde demais! nunca talvez!
Pois não sabes de mim, não sei que fim levaste,
Tu que eu teria amado, ó tu que o adivinhaste!

O Vampiro

Tu que, como uma punhalada,
Entraste em meu coração triste;
Tu que, forte como manada
De demônios, louca surgiste,
Para no espírito humilhado
Encontrar o leito e o ascendente;
- Infame a que eu estou atado
Tal como o forçado à corrente,
Como ao baralho o jogador,
Como à garrafa o borrachão,
Como os vermes a podridão,
– Maldita sejas, como for!
Implorei ao punhal veloz
Que me concedesse a alforria,
Disse após ao veneno atroz
Que me amparasse a covardia.
Ah! pobre! o veneno e o punhal
isseram-me de ar zombeteiro:

“Ninguém te livrará afinal
De teu maldito cativoiro.
Ah! imbecil - de teu retiro
Se te livrássemos um dia,
Teu beijo ressuscitaria
O cadáver de teu vampiro!”

E. E. Cummings (1894-1962)

Edward Eastlin Cummings, nasceu em 14 de Outubro de 1894, em Cambridge, Massachusetts. A sua técnica alinha, funcionalmente, a precisão da escrita à criação de movimento. Exprime processos. Os conteúdos temáticos, bem como o seu tratamento, distanciam Cummings da prática de seu tempo.

é em momentos depois de ter sonhado
com o raro entretenimento dos teus olhos,
quando (ficando aquém da ilusão) tenho pensado

na tua singular boca que o meu coração tornou sábio;
em momentos quando a cristalina escuridão sustenta

a verdadeira aparição do teu sorrir
(foi por entre lágrimas sempre) e o silêncio molda
essa estranheza que ainda há pouco como minha pude sentir;

momentos quando os meus outrora mais ilustres braços
estão cheios de encantamento, quando o meu peito
usa a intolerante luminosidade do teu regaço:

um agudo momento mais branco do que os outros

– voltando da terrível mentira do sono
vejo as rosas do dia crescerem recônditas.

a lua esconde-se no
cabelo dela
O
lírio
do céu
cheio de todos os sonhos,
desce.

encobre a sua brevidade em canto
cerca-a de intrincados débeis pássaros
com margaridas e crepúsculos
Aprofunda-a,

Recita
sobe a sua
carne
as pérolas

da chuva uma a uma murmurando.

a Primavera é como uma talvez mão
(que vem cuidadosamente
de lado Nenhum) compondo
uma vitrina, para a qual as pessoas olham (enquanto
as pessoas olham
compondo e mudando de lugar
cuidadosamente ali uma estranha
coisa e uma coisa conhecida aqui) e

mudando tudo cuidadosamente

a primavera é como uma talvez
Mão numa vitrina
(cuidadosamente para lá
e para cá movendo Novas e
Velhas coisas, enquanto
as pessoas olham cuidadosamente
movendo uma talvez
fracção de flor aqui pondo
um pouco de ar ali) e

sem partir nada.

os verdadeiros amantes a cada acontecer dos seus corações
vivem para além de todo o que e cada quem;
apesar da negação do medo, da afirmação da esperança,
daquilo que mais falso ambos não provam provando ser verdade

(todas as dúvidas, todas as certezas, enquanto os vilões lutam
e os heróis por entre o pensar e o seu pobre fingimento
– é a duração uma penosa história aos quadradinhos: só o amor
imortalmente ocorre para além do pensamento)

tal para sempre é um qualquer agora do amor
e o seu cada aqui é um tão qualquer lugar,
que ainda mais verdadeiros se iriam os mais verdadeiros amantes
tornar
se da noite vertessem mais sóis

(sim; e se o tempo tornasse em era
tudo o que será, os seus olhos nunca perderiam um sim)

pode não ser sempre assim; e eu digo
que se os teus lábios, que amei, tocarem
os de outro, e os teus ternos fortes dedos aprisionarem
o seu coração, como o meu não há muito tempo;
se no rosto de outro o teu doce cabelo repousar
naquele silêncio que conheço, ou naquelas
grandiosas contorcidas palavras que, dizendo demasiado,
permanecem desamparadamente diante do espírito ausente;

se assim for, eu digo se assim for –
tu do meu coração, manda-me um recado;
para que possa ir até ele, e tomar as suas mãos,
dizendo, Aceita toda a felicidade de mim.
E então voltarei o rosto, e ouvirei um pássaro
cantar terrivelmente longe nas terras perdidas.

Fernando Pessoa* (1888-1935)

*Fernando Pessoa, Escritor português nasceu a 13 de Junho em Lisboa. É considerado o grande poeta da Modernidade. A sua obra traça o quadro dentro do qual se desenvolve a dialéctica da modernidade portuguesa.

Intervalo

Quem te disse ao ouvido esse segredo
Que raras deusas têm escutado –
Aquele amor cheio de crença e medo
Que é verdadeiro só se é segredado?...
Quem to disse tão cedo?

Não fui eu, que te não ousei dizê-lo.
Não foi um outro, porque o não sabia.
Mas quem roçou da testa teu cabelo
E te disse ao ouvido o que sentia?
Seria alguém, seria?

Ou foi só que o sonhaste e eu te o sonhei?
Foi só qualquer ciúme meu de ti
Que o supôs dito, porque o só fingi
Em sonhos que nem sei?

Seja o que for, quem foi que levemente,
A teu ouvido vagamente atento,
Te falou desse amor em mim presente
Mas que não passa do meu pensamento
Que anseia e que não sente?

Foi um desejo que, sem carpo ou boca,
A teus ouvidos de eu sonhar-te disse
A frase eterna, imerecida e louca –
A que as deusas esperam da ledice
Com que o Olimpo se apouca.

Autopsicografia

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Que se chama o coração.

Símbolos? Estou farto de símbolos...
 Mas dizem-me que tudo é símbolo.
 Todos me dizem nada.
 Quais símbolos? Sonhos. –
 Que o sol seja um símbolo, está bem...
 Que a lua seja um símbolo, está bem...
 Que a terra seja um símbolo, está bem...
 Mas quem repara no sol senão quando a chuva cessa,
 E ele rompe as nuvens e aponta para trás das costas,
 Para o azul do céu?
 Mas quem repara na terra, que é o que pisa?
 Chama terra aos campos, às árvores, aos montes,
 Por uma diminuição instintiva,
 Porque o mar também é terra...
 Bem, vá, que tudo isso seja símbolo...
 Mas que símbolo é, não o sol, não a lua, não a terra,
 Mas neste poente precoce e azulando-se
 O sol entre farrapos finos de nuvens,
 Enquanto a lua é já vista, mística, no outro lado,
 E o que fica da luz do dia
 Doura a cabeça da costureira que pára vagamente à esquina
 Onde se demora outrora com o namorado que a deixou?
 Símbolos? Não quero símbolos...
 Queria – pobre figura de miséria e desamparo! –
 Que o namorado voltasse para a costureira.

Todas as cartas de amor são
Ridículas.
Não seriam cartas de amor se não fossem
Ridículas.

Também escrevi em meu tempo cartas de amor,
Como as outras,
Ridículas.

As cartas de amor, se há amor,
Têm de ser
Ridículas.

Mas, afinal,
Só as criaturas que nunca escrevem
Cartas de amor
É que são
Ridículas.

Quem me dera no tempo em que escrevia
Sem dar por isso
Cartas de amor
Ridículas.

Manuel M. B. L. Du Bocage (1765-1805)

*Bocage, poeta lírico e neoclássico português, tinha pretensão de vir a ser um segundo Camões, mas terá dissipado suas energias numa vida vertiginosamente agitada. Nasceu em Setúbal, em 15.09.1765 e morreu em Lisboa a 21.12.1805.

Amar dentro do peito uma donzela

Amar dentro do peito uma donzela;
Jurar-lhe pelos céus a fé mais pura;
Falar-lhe, conseguindo alta ventura,
Depois da meia-noite na janela:

Fazê-la vir abaixo, e com cautela
Sentir abrir a porta, que murmura;
Entrar pé ante pé, e com ternura
Apertá-la nos braços casta e bela:

Beijar-lhe os vergonhosos, lindos olhos,
E a boca, com prazer o mais jucundo,
Apalpar-lhe de leve os dois pimpolhos:

Vê-la rendida enfim a Amor fecundo;
Ditoso levantar-lhe os brancos folhos;
É este o maior gosto que há no mundo.

Martinho Lutero* (1483-1546)

*Lutero nasceu no dia 10 de Novembro de 1483 em Eisleben, Alemanha. Dado aos estudos, Lutero foi ordenado sacerdote em 1507. Porém, quanto mais se dedicava à tarefa intelectual sobre os livros de Teologia, maior crescia sua angústia. Para ele, as palavras dos doutores eram complicadas demais, rebuscadas demais e, diante da poesia dos Evangelhos, na verdade pareciam mais levar a um escurecimento da mente do que a iluminá-la diante de tantos ornamentos e armadilhas argumentativas da Escolástica Medieval.

Adultério Literário

Alguém me disse que pareço mais velho
Sinceramente acho que sim
Fui envelhecido pelas muitas vidas que vivi
Já fui viajante, religioso,
Revolucionário, músico,
Louco... e até trabalhador.

Hoje sou poeta, faço versos
Uso as palavras
Sou possuído por elas
Tomam-me de assalto
E quando percebo, escrevo
Saem de mim correndo
Para encontrarem seu papel
São como as espumas
Que o mar não consegue esconder,
Brotam, esbravejam, quebram

Tenho um caso de amor com as palavras
Um romance secreto, adultério
São minhas amantes caladas
E me cobram encontros noturnos
Na calada da noite, na praia...
E eu vou, contestando a moral
Ao encontro fugaz dessas doidas
Que me enchem a mente arredia
Fazendo de mim refém
Se não escrevo, maltratam-me
Pois não saem da cabeça

Tenho que escreve-las, me ordenam
Dominam-me, como na cama
Domina a mulher sorrateira
Enlouquecem-me até que de gozo
Chego a explodir muitas delas
Prazer, choro, alívio
Elas já não me aprisionam
Agora me deixam livre...
Livre ???

Daqui a pouco começa tudo de novo...

Amor Ritmado

...E se te amar fosse escândalo
conter-te em mim seria súbito.
Um sentimento nada gélido
louco, intenso, doce e lúdico.
Amar-te assim seria histórico,
deixar-te assim seria histérico,
olhar-te serenamente lânguido...
Sonhar-te em mim num ato cênico
como num texto de Veríssimo,
que te expusesse o lado cômico
e solta, tu te fizesses lúcida.

Quero entoar-te um cântico
e ver meu sentimento público,
sorrir ao vento um riso único
ao ver-te linda e romântica.
Desafiar meu lado céptico
e destronar as leis da física:
dois corpos num só como mágica
em um mesmo espaço físico.
Que nosso amor soe qual música
e que desfaça olhares cínicos,
que encha de cor risos pálidos
e que o mundo, perplexo e inválido
a ele se renda, leal e súdito.

Pablo Neruda* (1904-1974)

*Pablo Neruda, pseudônimo de Neftalí Ricardo Reyes Basoalto, nasceu a 12 de julho de 1904, em Parral, no Chile. Prêmio Nobel de Literatura em 1971, sua poesia transpira em sua primeira fase o romantismo extremo de Walt Whitman.

Se Tu Me Esqueces

Quero que saibas uma coisa.

Tu já sabes o que é:

Se olho a lua de cristal,

o ramo rubro do lento outono

em minha janela,

se toco junto ao fogo

a implacável cinza ou

o enrugado corpo da madeira,

tudo me leva a ti,

como se tudo o que existe,

aromas, luz, metais,

fossem pequenos barcos

que navegam para estas tuas ilhas

que me aguardam.

Pois, ora, se pouco a pouco

deixas de me amar, de te amar, pouco a pouco, deixarei.

Se de repente me esqueces, não me procures,

já te esqueci também.

Se consideras longe e louco
o vento de bandeiras que canta minha vida
e te decides a me deixar na margem do coração
no qual tenho raízes, pensa que nesse dia
a essa hora levantarei os braços
me nascerão raízes procurando outra terra.
Porém, se cada dia,
cada hora, sentes que a mim estás destinada com doçura
implacável,
se cada dia se ergue uma flor
a teus lábios me buscando,
ai, amor meu, ai minha,
em mim todo esse fogo se repete,
em mim nada se apaga
nem se esquece, do teu amor, amada,
o meu se nutre,
e enquanto vivas estará em teus braços
e sem sair

Áspero amor, violeta coroada de espinhos...
Arbusto entre tantas paixões erguidas,
Lança das dores, coroa da ira,
Por quais caminhos e como te dirigiu a minha alma?
Por que precipitaste teu fogo doloroso,
Repentinamente, entre as folhas frias do meu caminho?
Quem te ensinou os passos que te levaram a mim?
Que flor, que pedra, que fumaça mostraram minha casa?
A verdade é que tremeu a noite apavorante,
A aurora encheu todas as taças com seu vinho
E o sol estabeleceu sua presença celeste,
Enquanto o amor cruel me cercava sem trégua,
Até que padecendo-me com espadas e espinhos,
Abriu meu coração um caminho ardente.

“Amor, quantos caminhos até chegar a um beijo,
que solidão errante até tua companhia!
Seguem os trens sozinhos rodando com a chuva.
Em taltal não amanhece ainda a primavera.
Mas tu e eu, amor meu, estamos juntos,
juntos desde a roupa às raízes,
juntos de outono, de água, de quadris,
até ser só tu, só eu juntos.
Pensar que custou tantas pedras que leva o rio,
a desembocadura da água de Boroa,
pensar que separados por trens e nações
tu e eu tínhamos que simplesmente amar-nos
com todos confundidos, com homens e mulheres,
com a terra que implanta e educa cravos.”

Rainer Maria Rilke* (1875-1926)

*Rilke, Rainer Maria (1875-1926), escritor austriaco, nacido en Praga, considerado uno de los poetas modernos más importantes e innovadores de la literatura alemana, por su preciso estilo lírico, sus simbólicas imágenes y sus reflexiones espirituales.

Dançarina Espanhola

Como um fósforo a arder antes que cresça
a flama, distendendo em raios brancos
suas línguas de luz, assim começa
e se alastra ao redor, ágil e ardente,
a dança em arco aos trêmulos arrancos.

E logo ela é só flama, inteiramente.

Com um olhar põe fogo nos cabelos
e com arte sutil dos tornozelos
incendeia também os seus vestidos
de onde, serpentes doidas, a rompê-los,
saltam os braços nus com estalidos.

Então como se fosse um feixe aceso,
colhe o fogo num gesto de desprezo,
atira-o bruscamente no tablado
e o contempla. Ei-lo ao rés do chão, irado,
a sustentar ainda a chama viva.

Mas ela, do alto, num leve sorriso
de saudação, erguendo a fronte altiva,
pisa-o com seu pequeno pé preciso.

Shakespeare* (1564-1616)

Shakespeare nasceu em 23 de Abril de 1554, na pequena cidade inglesa de Stratford-Avon. Shakespeare é considerado um dos mais importantes dramaturgos e escritores de todos os tempos. Seus textos literários são verdadeiras obras de arte e permaneceram vivas até os dias de hoje, onde são retratadas freqüentemente pelo teatro, televisão, cinema e literatura.

22.

Não diga o meu espelho que envelheço,
se a juventude e tu têm igual data,
mas se os sulcos do tempo em ti conheço
então devo expiar no que me mata.
Tanta beleza te recobre e deu
tais galas a vestir meu coração,
que vive no teu peito e o teu no meu.
Mais velho do que tu serei então?
portanto, meu amor, cuida de ti
como eu, não por mim, por ti somente
te cuido o coração, que guardo aqui
como à criança a ama diligente.

Não contes com o teu se o meu morrer.

Deste-me o teu e o não vou devolver.

43.

Meus olhos vêem melhor se os vou fechando.
Viram coisas de dia e foi em vão,
mas quando durmo, em sonhos te fitando,
são escura luz que luz na escuridão.
Tu cuja sombra faz a sombra clara,
como em forma de sombras assombravas
ledo o claro dia em luz mais rara,
se em sombra a olhos sem visão brilhavas!
Que bênção a meus olhos fora feita
vendo-te à viva luz do dia bem,
se tua sombra em trevas imperfeita
a olhos sem visão no sono vem!
Vejo os dias quais noites não te vendo,
E as noites dias claros sonhos tendo.

51

Perdoe amor a ofensa da ronqueira
e bisonha montada, se te evito.
Porquê cedo sair da tua beira?
De pressa até voltar não necessito.
Pobre bicho, que escusa há-de encontrar
se o galope mais rápido inda é lento?
Se eu der de esporas, ventos cavalgar,
não há no curso alado movimento.
Nenhum cavalo pode ir-se à medida
do desejo que é feito amor perfeito
e rincha (não a carne) em louca brida,
mas amor ao corcel perdoa o feito.
Fugir de ti querendo devagar
para ti correrei e o deixo andar.

141

À fé que não te amo com meus olhos
que em ti notam mil erros no cotejo;
mas ama o coração esses escolhos,
a adorar-te apesar do que ora vejo.
Nem de ouvi-lo teu tom de voz me prende,
Nem terno instinto pede baixo abrigo,
nem gosto ou cheiro o meu desejo acende
de festa sensual a sós contigo.
Mas cinco humores, cinco sentidos tomem,
que ao coração não hão-de desviá-lo
de te servir, descontrolando um homem,
escravo de teu peito e teu vassalo.
Só o meu mal posso contar por ganho;
de quem me faz pecar, o mal apanho.

Stéphane Mallarmé (1842-1898)

Stéphane Mallarmé Poeta francês que figura entre os iniciadores do simbolismo. Nasceu em Paris.

Angústia

*Não venho aqui vencer teu corpo, ó ser obscuro
que os pecados de um povo juntas; nem desejo
revolver tristemente o teu cabelo impuro
sob o incurável tédio oriundo do teu beijo.*

*Quero o sono sem sonhos do teu leito; insano
sono que os panos do remorso envolveram,
e que podes gozar após teu negro engano
tu que o nada conheces mais que os que morreram.*

*O Vício que polui minha nobreza inata
pôs em mim como em ti, um selo condenado.
Mas enquanto o teu peito pétreo é habitado*

*por um tal coração que nenhum crime mata,
eu fujo atormentado, envolto em seu sudário
com pavor de morrer se dormir solitário.*

T. S. Eliot* (1888-1965)

*Thomas Stearns Eliot, poeta, dramaturgo e ensaísta inglês de origem americana. Sua obra representa uma profunda renovação na literatura do século XX. Prémio Nobel de 1948.

Canção de Amor de J. Alfred Prufrock

Vamos então, tu e eu,
Quando a tarde se estende contra o céu
Como na mesa um doente sob anestesia;
Vamos a caminhar nessas ruas vazias,
Refúgios murmurantes
De noites sem repouso em hotéis baratos de pernoite
E desses restaurantes
Juncados de conchas de ostra e serradura:
Ruas que seguem qual tedioso argumento
No insidioso intento
De levar-te a uma tese opressiva e insegura ...
Oh, “Qual?” não procures saber.
Vamos fazer
Nossa visita
As mulheres pra lá e pra cá na sala caminhando
E sobre Miguel Ângelo falando.
A neblina amarela que esfrega o dorso nos vidros da janela,
A neblina amarela que esfrega o focinho nas vidraças
A língua insinuou nos recantos da tarde,
Demorou-se nas poças das sarjetas,
Nas costas recebeu a fuligem caída das chaminés,
Resvalou no terraço, fez súbita investida
E vendo que suave era a noite de outubro
Pela casa enroscou-se e adormeceu.
E haverá tempo, na verdade,
Para a névoa amarela que nas ruas desliza
As costas a esfregar nos vidros das janelas;
Haverá tempo, haverá tempo

De a face preparar para encontrar as faces que defrontas;
Para matar, criar, haverá tempo
E para os trabalhos todos e os dias de mãos
Que erguem e instilam em teu prato uma questão;
Para ti, para mim tempo haverá
E para cem indecisões
E um cento de visões e revisões,
Antes de uma torrada e xícara de chá.

As mulheres pra lá e pra cá na sala caminhando
E sobre Miguel Ângelo falando.

E haverá tempo, na verdade,
Para me interrogar: “Ousarei?” e “Ousarei?”

Para os degraus descer, retroceder caminho,
Uma calva no meio dos cabelos ...
(Eles dirão: “Vão ficando tão ralos seus cabelos!”)

Meu fraque, o duro colarinho
Subindo até o queixo, gravata rica e discreta
Mantida com alfinete em posição correta ...

(Eles dirão: “Mas que finos seus
braços, suas pernas!”)

Ousarei perturbar o universo?

E haverá tempo em um minuto

Para resoluções e revisões que em um minuto
Terão o seu reverso.

Pois eu já conheço todos, já os conheço...

Conheci as manhãs, tardes, noitinhas,

Minha vida medi às colherinhas;

Sei das vozes morrendo em mortício declínio

Sob música a soar numa sala distante.

Como então me arriscar?

E os olhos eu os conheço todos, já os conheço ...

Que te fixam em uma frase-fórmula
 E estando eu formulado, estatelado em um alfinete,
 Espetado, contorcendo-me à parede,
 Como começaria
 A cuspir os tocos de meus dias e vias?

E como me atreveria?

E os braços já os conheço todo, já os conheço ...
 Empulseirados e brancos e nus
 (Mas com uma penugem castanho-clara sob a luz!)
 É o perfume de um vestido
 Que me faz tão distraído?
 Braços por sobre a mesa repousados,
 Ou em um xale enrolados,

E então me arriscaria?

E como começaria?

Direi que ao escurecer andei pelas velas
 E vi erguer-se o fumo dos cachimbos
 De homens sós e em mangas de camisa,
 Debruçados das janelas?...

Devia eu ser um par de garras laceradas
 Em fuga pelo chão de mares silenciosos.

E a hora vespertina, quão tranqüilamente
 Dorme, por longos dedos serenada,
 Cansada ... entorpecida ... ou a se fazer doente,
 Estendida no chão, aqui junto a nós dois.
 Depois do chá e bolos e sorvetes, teria eu energia
 De o momento impelir até sua crise?
 Mas tenha eu chorado embora e jejuado e rezado

E visto minha cabeça (levemente calva) ser trazida em um prato,
Não sou profeta ... e isso pouco importa:
Meu instante de grandeza eu senti vacilar
E o eterno Lacaio vi meu casaco ir buscar a sorrir zombeteiro
E enfim, tive medo.

E valeria a pena, após tudo,
As xícaras, o chá, a marmelada,
Por entre a porcelana e as palavras trocadas,
Valeria a pena,
Ter o caso trincado com um sorriso
E ter o universo espremido, transformado em bola,
Rolado para uma questão esmagadora,
Declarar: “Sou Lázaro, de entre os mortos voltei,
Venho para dizer-te tudo e tudo dir-te-ei” ...
Se alguém dissesse

Ajeitando à cabeça uma almofada:
“Não é o que eu tinha em mente, de maneira alguma,
Não é isso, absolutamente”

E valeria a pena, após tudo,
Valeria a pena,
Após o sol no poente e o pátio e as ruas irrigadas
E os romances e o chá e as saias arrastadas pelo chão...
E isso e quanto mais?...
É impossível expressar-me exatamente!
Mas como se os nervos fossem projetados
Em desenhos, por lanterna mágica:

Valeria a pena se alguém,
Ajeitando a almofada ou afastando o xale, dissesse
Voltando-se para a janela:
“Não é isso, absolutamente,
Não é o que eu tinha em mente, absolutamente.”

Não! não sou o Príncipe Hamlet e nem o pretendia;
Sou um homem da corte, alguém que servia
Para inflar um cortejo, iniciar uma cena, informar
O príncipe; um fácil instrumento,
Respeitoso, contente de ser posto em uso,
Político, metuculoso, cauteloso;
Cheio de altas sentenças, mas um tanto obtuso;
Ridículo, quase o diria, em alguns
momentos...
Em alguns momentos quase, na verdade, o Bobo.

Envelheço...envelheço...
As calças usarei enrolando as
bainhas do avesso.

Partirei meus cabelos junto à nuca?
Ousarei comer pêssego? Usarei
Calças de flanela branca e andarei pela areia
Cantando uma para as outras ouvi

Não creio que para mim elas hão de cantar.
Quando ao sopro do vento a água é negra e branca
Eu as vi, mar a dentro, as ondas cavalgando
E os cabelos das ondas, que voltam, penteando.
Coroados de castanhas algas pelas jovens
Do mar, nas câmaras do mar nos demoramos.
Despertos pela humana voz, nos afogamos.

